


Perspectiva de gênero

O corpo feminino
e a lógica projetual
do espaço urbano

CLARA BRAGA DE BRITTO PEREIRA

A black and white photograph of a multi-story apartment building with a woman in a pink dress riding a bicycle on the street in front of it. The building has several windows and balconies. The woman is riding from left to right. The text is overlaid on the image.

Perspectiva de gênero:

O corpo feminino e a lógica projetual do espaço

Autora: Clara Braga de Britto Pereira

Orientadora: Rossana Brandão Tavares

Universidade Federal Fluminense - UFF

Escola de Arquitetura e Urbanismo - EAU

Trabalho de Conclusão de Curso - Banca Final

Niterói

Dezembro, 2019

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Fábio e Jackeline e minha irmã, Beatriz, que desde o início apoiaram e incentivaram todas as minhas escolhas e fizeram o que puderam para me dar o suporte físico e emocional quando eu decidi que iria estudar e não trabalhar logo de início. Vibraram com cada crescimento e conquista durante este ciclo e sempre me mostraram que nunca estarei sozinha.

Agradeço à minha avó, Shirley, e minha tia, Mônica, que me incentivaram em tudo que podiam. Agradeço ainda à minha tia e meu pai por me estimularem, através das suas experiências individuais, como professora e estudante, a ingressar nessa universidade que é a UFF.

Agradeço ao meu namorado, Felipe, que ao longo de todo o processo de desenvolvimento deste trabalho me apoiou e me deu forças mesmo quando eu estava prestes a desistir. Me estimulou a buscar mais e acrescentou tanto nos meus debates e inquietações. Obrigada pela parceria.

Agradeço ao Paulo Sérgio, grande amigo, que me acompanhou por boa parte da formação, me apoiou quando precisei e incentivou em tantos momentos de dificuldade.

Agradeço à todos os amigos que esta Universidade me proporcionou, os que já se afastaram e os que se fortaleceram, em especial Bruna (Boo), Heloísa e Thiago por toda contribuição, parceria e troca.

Agradeço em especial também a Junior e Tadeu. Amigos que me acompanharam do início ao fim deste ciclo, que levo pra vida, meus melhores conselhos, companhias e as pessoas com quem mais tive trocas desde 2013. Obrigada pelas noites viradas, pelas conversas, pelas trocas de conhecimento, pelas diferentes formas de pensar, pelos debates e pelos brigadeiros À vocês, meu muito obrigada, seguimos juntos, daqui pra frente.

Agradeço a todas as meninas da pesquisa Arquitetura da Violência, Sônia, Lelê, Evelyn, Paula R., Paula C., Paula Andréa, Priscilla, Ana, Francisca, Aline, Nicolle, Isabella e também ao Gustavo, por todas as discussões, todo debate que me fez crescer e por iniciarem meu despertar para pesquisa e politização.

Agradeço à todos os profissionais que encontrei nos estágios dos quais pude participar pela disposição em dividir o conhecimento prático e dia-a-dia da profissão.

Agradeço à todas e todos que participaram da ocupação da EAU em 2016. O meu crescimento como pessoa política, que vivencia e atua no espaço se deu muito pelos debates constantes, conversas e enfrentamentos que esse momento me proporcionou. Seguimos em luta.

Agradeço à Rossana, minha orientadora, por toda paciência, compreensão, incentivo e principalmente força. A admiração e inspiração pela sua trajetória, me despertaram como mulher, me fazem ter vontade de ir além e acreditar que sou capaz.

Agradeço à banca presente, Juarez Duayer, por auxiliar e facilitar sempre que pôde todo o processo que foi desenvolver este trabalho; Isabela Peccini, por ter acrescentado tanto conhecimento na pré banca e acompanhar o ciclo até o momento final; e Aline Santiago por estar presente desde o processo de decisão do tema, pelas longas conversas, contribuição e disposição em participar.

Agradeço às funcionárias e funcionários da EAU - UFF que embora tão pouco visíveis por muitos proporcionam todas as nossas atividades dentro da Escola, mesmo que disponibilizando de tão pouco recurso.

Por último, agradeço à instituição EAU - UFF, que é feita por pessoas, funcionárias e funcionários, estudantes e professoras e professores, por todo conhecimento compartilhado, pela troca diária e pelos momentos de crescimento. Tanto àqueles que me abraçaram quanto aqueles que me fizeram buscar exatamente o oposto. Somos conhecimento, somos crítica, somos ciência, somos resistência.

Em defesa da Universidade pública,
gratuita e de qualidade.

Obrigada.

Sumário

Introdução	02	Conclusão	63
1. Uma retrospectiva da mulher no espaço urbano	07	Referências Bibliográficas	65
2. A perspectiva de gênero. Ou perspectivas?	27	Anexos	68
3. Intervenções	43	Apêndice	69
3.1. Exposição	43		
3.1.1. Projetos escolhidos	46		
3.1.2. Interações com a exposição	54		
3.2. Formulário	54		
3.2.1. Análise do perfil da participante e abordagem qualitativa dos formulários	56		
3.2.2. Referências femininas dentro do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFF	59		
3.2.3. Levantamento de questionamentos expostos pelas estudantes e ex-estudantes no formulário	61		

Introdução

Atualmente é possível notar um aumento significativo nas análises da perspectiva de gênero no campo acadêmico. Apesar da ascensão do conservadorismo no país, e na América Latina, os estudos sobre os impactos da lógica machista e heterocêntrica em várias áreas da vida cotidiana da mulher têm se tornado mais frequentes. Dentro desta lógica crescente estão os estudos sobre a opressão feminina e a questão de gênero que afetam a dinâmica da vida e colocam em pauta o corpo feminino.

O presente trabalho parte da perspectiva da epistemologia feminista interseccional, levando em consideração as particularidades das diversas realidades femininas, e analisa o tema sobre a ótica de uma sociedade heteronormativa que invisibiliza a experiência do corpo feminino e produz conhecimento partindo de um sujeito dito descorporificado mas que possui sexo, cor, classe social e gênero. A lógica da normatividade do homem branco hétero impõe padrões que ignoram a vivência do gênero feminino.

Cabe ressaltar que gênero, nesta pesquisa, é aquele entendido através da teoria queer, de Judith Butler, como aquilo que parte de uma

construção social e transcende a ideia binária de sexo feminino e masculino:

“concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo” (Butler, 2003).

Nos estudos sobre Arquitetura e Urbanismo se intensificaram os questionamentos sobre o papel da profissão dx arquitetx dentro da luta contra a perspectiva machista da submissão do corpo da mulher à uma lógica heteronormativa. Inicia-se, então, um movimento que questiona o modo de pensar os espaços, espaços estes ditos generalistas mas que atendem à necessidades da maneira de viver do corpo masculino, historicamente tomado como padrão. Este processo vem refletindo no questionamento da forma de apreender e significar o espaço urbano.

Desde o período pós primeira guerra surgem projetos buscando outra ótica com alternativas de adequação dos espaços às necessidades ditas femininas em uma pretensão de um espaço funcional e seguro. Dentro do tema surgem exemplos como a cozinha Frankfurt (uma política pública de economia de tempo da mulher nos trabalhos domésticos) e os edifícios Frauen-Werk-Stadt I, II e III, que pensaram a

habitação para mulheres trabalhadoras, em Viena, capital da Áustria, pioneira na inserção da perspectiva de gênero em políticas urbanas e habitacionais.

Mais recentemente os trabalhos de arquitetas como Zaida Muxi, arquiteta argentina atuante na Espanha na produção de estudos sobre espaços generificados e Anna Bofill, arquiteta espanhola que desenvolveu projetos a partir de uma ótica sobre o corpo feminino, refletem sobre a forma do arquiteto olhar para o espaço e quem é visto nele. Em entrevista¹ à revista Vitruvius, Zaida retrata a construção sociocultural a qual está atrelada o gênero feminino, que diferentemente do masculino, possui a capacidade biológica de parir e dar vida: “Como nós, mulheres, somos capazes de dar a vida, nos foram destinadas, sócio historicamente, as tarefas de cuidado, os afazeres da casa e isso significa tarefas invisíveis e não remuneradas” (Muxi, 2018). Seguindo a lógica da sociedade capitalista heteronormativa cabe à mulher o cuidado com a casa, filhos e também o sustento da família, uma realidade que acaba provocando jornadas duplas e muitas vezes triplas

de trabalho e gera necessidades sobre o espaço invisibilizadas pela mesma heteronormatividade que as reproduz.

A divisão sexual do trabalho, advinda do sistema capitalista, separa as funções através de uma binaridade feminino/masculino que impõe à mulher o trabalho doméstico e de reprodução e ao mesmo tempo o invisibiliza como trabalho. O trabalho formal, é então o que gera renda e, em uma sociedade regida pelo capital, a mulher é obrigada a acumular funções para sustentar a família.

A presente pesquisa busca um olhar para os espaços urbanos, considerando uma perspectiva de gênero, refletindo sobre a colaboração e o papel do arquiteto urbanista dentro de uma busca de não reprodução da lógica androcêntrica social e culturalmente estabelecida. O tema levou à inquietações sobre o que é, então, a perspectiva de gênero. Seria uma unidade de necessidades inerentes ao corpo de todas as mulheres? As arquitetas, munidas de conhecimento técnico e vivência como mulheres conhecem e percebem as necessidades femininas e as traduzem em soluções no espaço? A forma como as instituições de ensino de arquitetura e urbanismo ensinam a profissão repercute a lógica heteronormativa a tal ponto que anula a perspectiva de gênero do processo projetual?

¹ COTA, Daniela Abritta. Entrevista com Zaida Muxi. Cidade, política e gênero. Entrevista, São Paulo, ano 19, n. 075.02, Vitruvius, set. 2018. <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/19.075/7123>>.

Partindo da hipótese de que ainda hoje reproduzimos uma lógica de pensar que invisibiliza as necessidades femininas e reafirma o modo de projetar que coloca o homem, hétero, branco no centro das necessidades, acrescentado do fato de que não existe uma só unidade de necessidades do corpo feminino, o presente trabalho pretende fazer uma análise da forma de pensar e apreender o espaço urbano² e o processo projetual a partir do método como ele é ensinado. O tema se mostra relevante para gerar questionamentos sobre as estratégias de ensino da profissão e reavivar os debates sobre as referências metodológicas que quase em sua totalidade são masculinas.

Segundo o coletivo arquitetas invisíveis³ as mulheres correspondem à 49,6% da população mundial e recebem cerca de 23% a menos que os homens para exercerem os mesmos cargos. Além disso, em 40 anos de prêmio Pritzker⁴ apenas duas mulheres foram premiadas.

² Apesar de um entendimento de parte da academia sobre o espaço urbano ser reservado à esfera pública o presente trabalho irá partir da lógica de que, inseridas no espaço urbano, encontram-se as esferas público e privada, não dando créditos portanto à narrativa que separa essas duas esferas como se fossem independentes e não indissociáveis. Para a presente análise o espaço urbano será tratado tanto na escala da arquitetura como na escala urbana, considerando ser impossível fazer uma análise restrita a um ou a outro.

³ Disponível em:

https://docs.wixstatic.com/ugd/ff1b92_e7484bf374744f0ba425280b00a713c8.pdf

⁴ O prêmio Pritzker é um prêmio anual dado à um arquiteto ou arquiteta vivo que produziu contribuições consistentes e significativas para a humanidade e o ambiente

Estes são apenas alguns dos indicativos que demonstram a não percepção da mulher em nossa sociedade.

Tal fato é reproduzido recorrentemente no campo da arquitetura, basta refletirmos quantas arquitetas e urbanistas são apresentadas como referência durante a graduação, usando como referência o próprio curso de Arquitetura e Urbanismo da UFF, somam um total de duas ou três (Lina Bo Bardi e Zaha Hadid em sua maioria). Se compararmos ao número de arquitetos referenciados o contexto fica ainda mais alarmante. Seguindo esta lógica não causa estranheza a afirmação de que a forma como se pensa o espaço urbano e seu planejamento desconsiderem a realidade do gênero feminino e representem uma violência contra o corpo da mulher. Assim como expresso por Raquel Sohiet⁵:

(...) as teorias construídas e instauradas por homens, estabelecendo um duplo discurso, do homem sobre o homem e do homem sobre a mulher, restritivas da liberdade e da autonomia feminina, que convertem uma relação de diferença numa hierarquia de desigualdade, configuram uma forma de violência. (SOHIET, 2002)

construído através da arte da arquitetura, segundo seu júri. É visto como o reconhecimento mais importante que um arquiteto ou arquiteta pode receber em vida.

⁵ Professora aposentada da Universidade Federal Fluminense, pesquisadora na área de História, com ênfase em História Gênero e História Cultural.

O recorte do presente trabalho está nas estudantes e ex-estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, cidade de Niterói. A partir deste recorte a pesquisa pretende analisar o que significa perspectiva de gênero na ótica dessas mulheres, levando em consideração também a experiência da própria autora como estudante da instituição. O intuito é entender quais são as necessidades consideradas necessidades femininas no espaço partindo da experiência e vivência como mulher e adicionando nelas o estudo técnico na área. Parte-se do pressuposto de que as estudantes reproduzem uma lógica projetual que coloca no centro as necessidades do corpo masculino, lógica historicamente construída ao longo do tempo, e reproduzida até a contemporaneidade.

Inicialmente é importante expor que a busca aqui retratada pela compreensão do que, como estudantes, entendemos como perspectiva de gênero não intui na criação de um manual que exponha itens necessários à criação de um projeto com perspectiva de gênero. Também não é pretensão da autora encontrar a solução para um problema estruturante da sociedade capitalista através do desenho do espaço. O objetivo do trabalho é, antes de tudo, questionar uma forma imposta de se pensar arquitetura e urbanismo e, talvez, suscitar

inquietações em outras estudantes tanto quanto a pesquisa suscitou nela própria. O trabalho se pretende um “chacoalhão”. Que desperte um olhar de mulheres para mulheres, para o próprio corpo, como **ARQUITETAS URBANISTAS**, que nos auxilie a enxergar a cidade através das nossas necessidades (também).

O primeiro capítulo deste trabalho, intitulado “Uma retrospectiva da mulher no espaço urbano” pretende tratar de uma retrospectiva histórica da evolução do pensamento cultural ao longo do processo de formação da cidade e como este processo refletiu no corpo feminino inserido no espaço urbano, com diferenças relevantes principalmente após a transição do período feudal para o período capitalista. A análise ocorre através de referências e utopias de pensamento de cidade, amplamente conhecidos na área de arquitetura e urbanismo e habitação, contrapostas às referências projetuais que tratam de uma perspectiva do espaço sob a ótica feminina, desde a cidade feudal, conhecidos pela autora somente a partir da pesquisa para o presente trabalho. Através disto, o capítulo questiona a reprodução de um padrão de analisar o espaço, feito por homens para homens e por homens para mulheres, que se mantém e é reproduzido até os dias

atuais, como uma fórmula, sem que haja questionamento. Que modelo é esse e para quem?

Já no segundo capítulo “A perspectiva de gênero. Ou as perspectivas?” a autora trata do levantamento teórico sobre o que vem a ser perspectiva de gênero na forma de enxergar as necessidades de quem habita o espaço, para o exercício de projeto, considerando uma escala urbana que trata do espaço público e privado de forma contínua.

Em seguida, no terceiro e último capítulo, propõe uma intervenção no espaço do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFF (Universidade Federal Fluminense) que estimule reflexões acerca do que é entendido como perspectiva de gênero pelas estudantes. Posteriormente, a autora realiza a aplicação de um formulário que buscou esclarecer o que as estudantes e ex estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFF entendem como perspectiva de gênero no projeto, partindo do pressuposto de que cada localidade e sujeito possui suas próprias diversidades e particularidades. Através do formulário a autora também pretendeu questionar de forma ampla a reprodução do modelo androcêntrico de analisar o espaço urbano através do ensino na EAU (Escola de Arquitetura e Urbanismo).

É importante destacar que a análise sobre a questão de gênero presente neste trabalho não ignora as outras particularidades que envolvem a questão, como raça e classe social. Entretanto, dada a dimensão de um trabalho monográfico, a autora não aprofundou os estudos nestas questões, pontuando sua importância ao longo do texto, entretanto, de forma superficial.

1. Uma retrospectiva da mulher no espaço urbano

Uma função da história, em geral, é justificar a natureza do presente como sendo normal. Não é de surpreender que seja a história dele, e não a história dela, que tem sido o foco da atenção, já que a história é normalmente escrita pelos vencedores.⁶

(GREED, 1994, p. 70)

⁶ “One function of history, in general, is to justify the nature of the present as being normal. It is hardly surprising that it is ‘his’ story, rather than ‘her’ story which has been the focus of attention, as history is normally written by the victors.” Tradução livre.

Para abordar a questão da mulher no espaço urbano, antes de tudo, faz-se necessária uma breve retrospectiva, em linhas gerais, do que foi a construção deste espaço urbano, cidade e lógica do pensamento dessas localidades ao longo dos anos. Neste capítulo pretende-se tratar de como, historicamente, o corpo feminino foi sendo invisibilizado tanto na vivência da cidade como em sua concepção, ressaltando o quanto o advento da cidade capitalista e da diferenciação do que vem a ser trabalho produtivo e trabalho doméstico e reprodutivo acentuou esta realidade. Através da relação de fatos históricos à produção arquitetônica/urbanística vigente em determinado período é possível analisar e constatar as lógicas da invisibilização feminina se reproduzindo ao longo do tempo histórico e a análise de qual é o lugar reservado ao corpo feminino até a contemporaneidade.

A autora pretende usar concepções sobre o espaço estudadas e destacadas durante o curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal Fluminense para levantar questionamentos sobre o que está posto como “padrão” dentro da lógica de se pensar o espaço no ensino do curso. Ao longo do capítulo serão acrescentadas referências de formas de pensar o espaço adquiridas através da pesquisa para o presente trabalho que acrescentaram à autora experiências para

além da normalização da lógica de pensamento do projeto. Tal fato ressalta outras óticas sobre o espaço, que revela uma ótica sobre o próprio corpo, ignoradas pelo discurso hegemônico, presumindo uma identidade generalista androcêntrica, que se repetiu ao longo de sua formação como profissional de arquitetura e urbanismo.

Para tratar desta retrospectiva há também um critério histórico que determinou intervalos e períodos de abordagem partindo da desconstrução da cidade feudal e a transição para o sistema capitalista, passando pelo período que compreende a revolução industrial e a intensificação da exploração dos corpos femininos, chegando ao movimento moderno na arquitetura com o advento da tecnologia dos pré fabricados e de aparelhos domésticos, até o período contemporâneo, com o significativo aumento sobre o debate da vivência do corpo feminino. A definição destes intervalos se fez significativa para o presente trabalho não só como determinação de um recorte de análise mas também como marcos de forma de pensar o espaço que determinaram diferentes maneiras de invisibilização da mulher. Mais a frente, no capítulo 3, tal método irá nortear a seleção de projetos para uma exposição sobre o tema.

A análise parte de meados do século XIII e XV, o momento chamado de transição do sistema feudal para o sistema capitalista em que concomitantemente acontecia a “acumulação capitalista e formações políticas que não eram ainda predominantemente capitalistas” (FEDERICCI, 2017).

De forma geral o período chamado de feudalismo economicamente é um sistema onde ainda não houve a monetização do trabalho, portanto, através de um regime servil os trabalhadores estão atrelados ao trabalho na terra, que gera subsistência, alternado com o trabalho nas terras do senhor feudal, que gera sobrevivência e excedente para o último. Para além disso, existiam também as terras comunais onde o trabalho cooperativo e comunitário acontecia longe da dominação do senhor feudal. No sistema feudal, inicialmente, as relações de servidão separavam as classes subalternas, servos, da elite, clero, senhores feudais e burguesia. Entretanto, mesmo que os servos fossem tratados como uma unidade de classe, existiam muitas diferenças sociais, como aponta Federicci⁷: “entre os camponeses livres e os camponeses com um estatuto servil, entre camponeses ricos e

⁷ FEDERICCI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e a acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017. 464p. Tradução de: coletivo Sycorax. Título original: Caliban and the witch: Women, the Body and Primitive Accumulation.

pobres, entre aqueles que tinham assegurada posse da terra e os trabalhadores sem-terra (...), assim como também entre homens e mulheres”. Para entender como se dava a relação de dominação baseada nas relações de gênero no período pré-capitalista Federicci descreve:

Geralmente, a terra era entregue aos homens e transmitida pela linhagem masculina, embora tenha havido muitos casos de mulheres que a herdavam e administravam em seu nome.⁸ As mulheres também foram excluídas dos cargos para os quais se designavam camponeses mais abastados e, para todos os efeitos, tinham um status de segunda classe (Bennett, 1988, pp.18-29; Shahar, 1983). (...) No entanto, as servas eram menos dependentes de seus parentes de sexo masculino, se diferenciavam menos deles física, social e psicologicamente e estavam menos subordinadas a suas necessidades do que logo estariam as mulheres “livres” na sociedade capitalista. (FEDERICCI, 2017, p.51)

Apesar da relação ainda desigual entre homens e mulheres, na aldeia feudal a dependência dos parentes de sexo masculino era menor, além da figura da mulher estar menos subordinada às suas próprias necessidades, comparada à sociedade capitalista que se sucedeu. Neste momento, a reprodução de bens e a reprodução da força de trabalho não eram colocados de forma separada, portanto a mulher não acumulava

⁸ exame de testamentos de Kibworth (Inglaterra), no século xv, realizado por Barbara Hanawalt, mostra que, “em 41% dos testamentos, os homens preferiram filhos homens adultos, enquanto, em 29% dos casos, escolheram somente a mulher ou a mulher e um filho homem” (Hanawalt, 1986b, p. 155).

jornadas em que ora estivesse cuidando dos filhos, ora realizando trabalhos domésticos, ora da função de sustento familiar.

Na aldeia feudal não existia uma separação social entre a produção de bens e a reprodução da força de trabalho: todo o trabalho contribuía para o sustento familiar. As mulheres trabalhavam nos campos, além de criar os filhos, cozinhar, lavar, fiar e manter a horta; suas atividades domésticas não eram desvalorizadas e não supunham relações sociais diferentes das dos homens, tal como ocorreria em breve na economia monetária, quando o trabalho doméstico deixou de ser visto como um verdadeiro trabalho. (FEDERICCI, 2017, p. 52/53)

Desta forma, assim como afirma Federicci, o trabalho reprodutivo e doméstico fazia parte da lógica do sistema de sustento de cada família. De fato, havia uma divisão sexual do trabalho, que determinava afazeres de homens e mulheres, porém, longe do que se observa atualmente, o trabalho feminino estimulava a sociabilidade e solidariedade entre as mulheres, promovendo, de certa forma, uma união.

(...) as relações coletivas prevaleciam sobre as familiares e que a maioria das tarefas realizadas pelas servas (lavar, fiar, fazer a colheita e cuidar dos animais nos campos comunais) era realizada em cooperação com outras mulheres, nos damos conta de que a divisão sexual do trabalho, longe de ser uma fonte de isolamento, constituía uma fonte de poder e de proteção para as mulheres. Era a base de uma intensa sociabilidade e solidariedade feminina que permitia às mulheres enfrentar os homens, embora a Igreja pregasse pela submissão e a Lei Canônica

santificasse o direito do marido a bater em sua esposa. (FEDERICCI, 2017, p. 53)

Este era o contexto do sistema feudal antes de seu processo de transição. Entretanto tal sistema não era estático como se pensa. Por volta do século XIV a revolta do campesinato se tornou constante, o objetivo principal dos servos era “preservar seu excedente de trabalho e seus produtos, ao mesmo tempo que ampliavam a esfera de direitos econômicos e jurídicos” (FEDERICCI, 2017). Através das lutas servis contra seus Senhores é que, no intuito de manter o sistema feudal, o serviço laboral é substituído pelo dinheiro e as relações econômicas começam a transformar as relações sociais, “o dinheiro e o mercado começaram a dividir o campesinato ao transformar as diferenças de rendimentos em diferenças de classe”(FEDERICCI, 2017). Fato é que esta remodelação das relações de servidão do sistema afetam também e diretamente as mulheres de forma negativa, reduzindo ainda mais seu acesso à propriedade e à renda e fazendo com que elas encabeçassem o êxodo para a cidade feudal. Entretanto o que, de início aparenta ser uma libertação, se mostra como uma nova forma de dominação.

As leis das cidades não libertavam as mulheres; poucas podiam arcar com os custos da “liberdade cidadã”, como eram chamados os privilégios ligados à vida na cidade. Porém, na cidade, a subordinação das mulheres à tutela masculina era menor, pois agora podiam viver sozinhas

ou como chefes de família com seus filhos, ou podiam formar novas comunidades, frequentemente compartilhando a moradia com outras mulheres. (FEDERICCI, 2017, p. 63/64)

É neste contexto que começam os movimentos hereges, movimentos marginais de resistência à estrutura imposta na Idade Média de hierarquias sociais, propriedade privada e acumulação de riquezas. Os hereges redefiniram “todos os aspectos da vida cotidiana (o trabalho, a propriedade, a **reprodução sexual** e a **situação das mulheres**), colocando a questão da emancipação em termos verdadeiramente universais” (FEDERICCI, 2017).

Nesta conjuntura histórica surge o primeiro movimento de resistência feminina e de concepção do espaço, fora da lógica normativa imposta naquele momento, de que a autora irá tratar, o caso das **Beguinas**. Segundo Federicci as beguinas eram “mulheres laicas das classes médias urbanas que viviam juntas (especialmente na Alemanha e em Flandres, na Bélgica) e mantinham seu trabalho fora do controle masculino e sem subordinação ao controle monástico (McDonnell, 1954; Neel, 1989)” (FEDERICCI, 2017, p. 83). Essa comunidade possuía sua própria forma de organização social e vida comunal, desafiava a lógica da imposição de um casamento, da função reprodutiva e da heterossexualidade, muitas vezes, se relacionando

entre si. As beguinas criavam seus próprios espaços dentro da cidade feudal, segundo Mota:

Com as beguinarias, as mulheres criaram uma espécie de cidade dentro da cidade. A maioria das casas foi construída em círculo com um grande pátio e apenas uma única porta de entrada para esta “pequena cidade”. Em seu interior, cada mulher tinha sua própria casa. As primeiras beguinas, muito provavelmente, eram mulheres ricas que não desejavam se casar e nem queriam uma vida monástica. Mais tarde vemos que há beguinarias com mulheres de todas as camadas sociais. (MOTTA, 2018, p. 72, apud THOCH, 2013, p. 12)

As beguinarias ou cidades de beguinas foram, ainda na cidade feudal, uma forma de resistência feminina à imposição posta de seu papel na sociedade como esposa, mãe e dona de casa, e representa, portanto, uma luta contra a invisibilização da vivência do corpo feminino no contexto da cidade feudal.



Figura 01: Planta da Beguinaria de Dendermonde, na Bélgica.
Fonte: Unesco. <<https://whc.unesco.org/en/list/855/documents/>>



Figura 02: Foto da Beguinaria de Dendermonde, na Bélgica, 1998. Fonte: Unesco, em “Beguinages flamands un passe bien present”⁹.

Ainda sobre a crise do sistema feudal é importante ressaltar que o corpo feminino era visto como objeto e lugar de posse ao dispor dos homens, fato demonstrado inclusive na instituição de políticas públicas de tentativa de manutenção das cidades feudais que disponibilizavam a

⁹ Disponível em: <<https://whc.unesco.org/uploads/nominations/855.pdf>>.

mulher para usufruto e satisfação de prazeres masculinos, como ressalta Federicci:

(...) as autoridades políticas empreenderam importantes esforços para cooptar os trabalhadores mais jovens e rebeldes por meio de uma maliciosa política sexual, que lhes deu acesso a sexo gratuito e transformou o antagonismo de classe em hostilidade contra as mulheres proletárias. (FEDERICCI, 2017, p. 103)

A autora pontua então como o Estado atua na manutenção do pensamento androcêntrico difundido enfatizando as políticas sexuais que disponibilizaram o corpo feminino: “a legalização do estupro [em mulheres pobres] criou um clima intensamente misógino que degradou todas as mulheres, qualquer que fosse sua classe” (FEDERICCI, 2017, p.104). Para além da legalização do estupro existiam também bordéis financiados pelo Estado, “a prostituição era oficialmente reconhecida como um serviço público” (FEDERICCI, 2017, p.106). A mulher era usada como política de controle das revoltas sociais, política esta institucionalizada pelo município.

Também em Flandres, no contexto de transição entre o sistema feudal e o capitalismo se encontra, por outro lado, a **Utopia de Thomas Moore**. Moore foi funcionário da realeza durante o reinado de Henrique VII pedindo demissão após o rompimento do rei com a igreja

católica e morreu anos depois após ser condenado por crime de alta traição no reinado de Ana Bolena. A “Utopia” foi a idealização de uma cidade, considerada ideal para Moore, e é referência até os dias atuais por ser lembrada como a primeira crítica ao sistema burguês e também “primeira tentativa teórica da edificação de uma sociedade baseada na comunidade dos bens” (Utopia, p. 8).

No texto inicial do livro, em uma breve apresentação do autor e sua obra por Rafael Hitlodeu, a teoria da sociedade é assim definida:

Thomas Morus (...) edifica uma sociedade imaginária, ideal, sem propriedade privada, com absoluta comunidade de bens e do solo, sem antagonismos entre a cidade e o campo, sem trabalho assalariado, sem gastos supérfluos e luxos excessivos, com o Estado como órgão administrador da produção, etc. (p. 8)

E posteriormente qualificada como “significado do todo sonho generoso de renovação social”,

Embora o caráter essencialmente imaginário e quimérico da “Utopia”, a obra de Morus fica na história do socialismo como a primeira tentativa teórica da edificação de uma sociedade baseada na comunidade dos bens. E o seu nome ficou para sempre incorporado ao vocabulário universal como o significado do todo sonho generoso de renovação social... (p. 8)

A idealização de Moore trata sobre uma cidade onde há comunhão de bens, cooperação entre os habitantes, sem divisão de

classes nem qualquer tipo de lucro e uma dita “renovação social”. Entretanto, vale ressaltar que a Utopia de Moore se baseia também na apropriação do corpo feminino como meio de produção de mão de obra e subordinado ao poder masculino. Ao descrever as relações entre os cidadãos o autor pontua: “Mas voltemos às relações mútuas entre os cidadãos. O mais idoso, como já disse, preside a família. As mulheres servem a seus maridos; as crianças, a seus pais e mães; os mais jovens, aos mais velhos” (p.100). A cidade “ideal” que quebra com os padrões do sistema feudal e é idealizada como algo inovador rompendo com os padrões de opressão da classe trabalhadora servil, oprime e invisibiliza a experiência do corpo feminino. Observa-se que, Moore, ao fazer uma crítica ao sistema imposto, parte de uma ótica masculina, androcêntrica, que insiste em reproduzir a submissão do corpo feminino à figura masculina. Tal fato revela que as questões femininas não eram sequer motivo de questionamento.

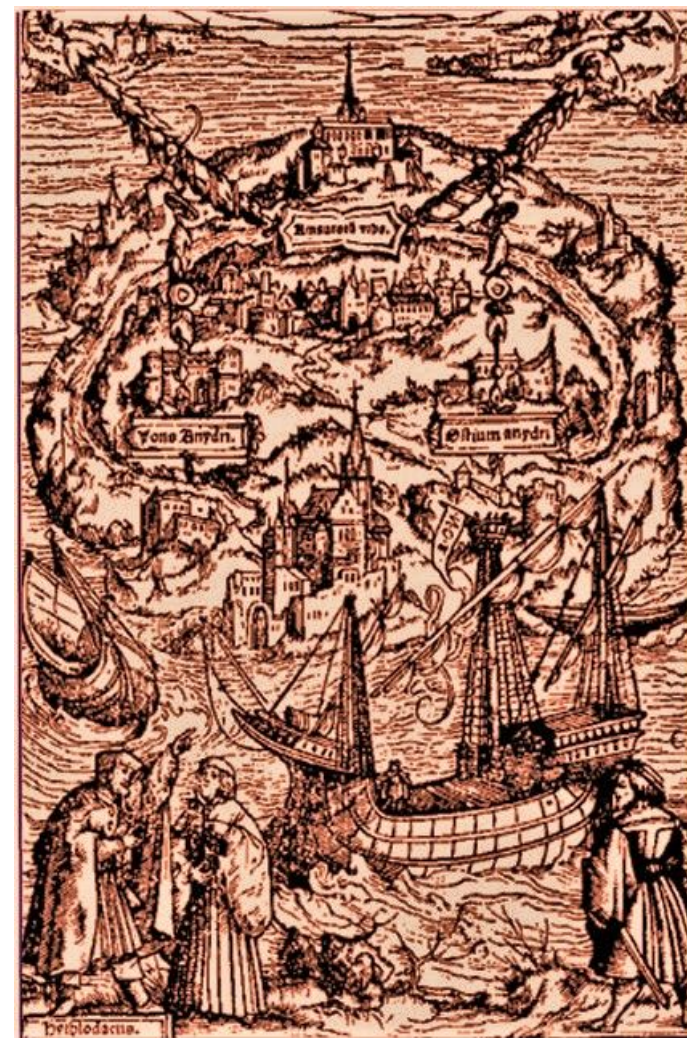


Figura 03: Xilogravura por Ambrosius Holbein de uma edição de 1518 de Utopia¹⁰. Modificada pela autora. Fonte: Wikipedia.

¹⁰ Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Utopia_\(livro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Utopia_(livro))>.

Tratando de temporalidade a cidade de Moore é posterior à cidade das beguínas, que propôs uma nova lógica espacial baseada no corpo da mulher. Mesmo que os dois representem uma contestação da forma como era reproduzida a lógica da cidade partem de pontos de vista e experiências de espaço distintos. Curioso é que a experiência das beguinarias não é sequer mencionada na reprodução histórica tradicional do urbanismo ao passo que até os dias atuais Thomas Moore é citado como exemplo de cidade utópica no período feudal e resistência ao sistema vigente.

Cabe lembrar que, quando tratamos de formas de olhar e pensar o espaço, muito mesmo antes do período feudal, no século I a.c., com Vitruvius¹¹, já existiam registros de técnicas que baseavam a forma de projetar o espaço nas medidas do corpo humano (de fato, o corpo masculino) e pautavam a criação de um espaço voltado para as necessidades do homem.

O argumento inicial [do livro de Vitruvius], que o corpo humano representa a medida de todas as coisas na arquitetura, tornou-se o credo da história da construção ocidental. Entretanto, isso significava principalmente o

¹¹ Vitruvius foi arquiteto, sem formação, no período romano e publicou uma série de dez livros intitulados *De Architectura* que tratavam sobre formas de se fazer arquitetura e planejamento urbano. Sua teoria foi símbolo do período renascentista (apesar de tal informação não ser unanimidade) e seguiu influenciando inclusive a arquitetura moderna.

corpo masculino, porque muitos filósofos e teóricos consideravam o corpo feminino como uma versão falha do corpo masculino.(FONTES, 2015, p. 96 apud KUHLMANN, 2005, p. 100)¹²

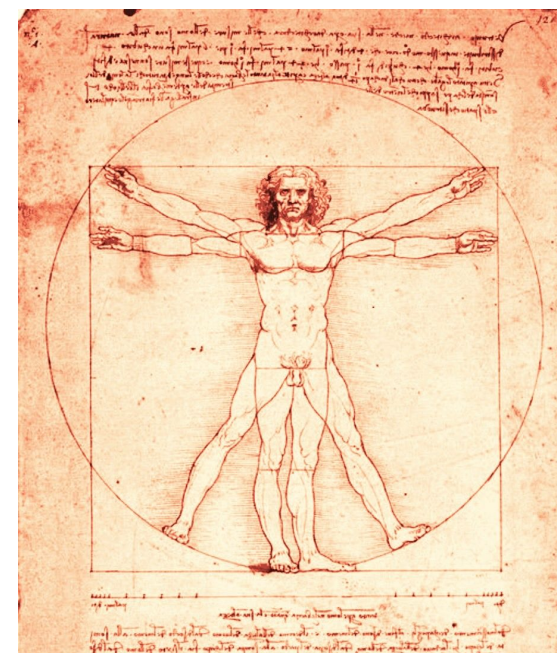


Figura 04: Homem vitruviano. Desenho de Leonardo Da Vinci. Modificada pela autora. Fonte:Asmetro.¹³

¹² “The initial argument, that the human body represents the measure of all things in architecture, became the credo of Western building history. However, this meant mainly the male body because many philosophers and theoreticians regarded the female body as flawed version of the perfect male body.” (KUHLMANN, 2005, p. 100) Tradução livre.

¹³ Disponível em:
<https://asmetro.org.br/portalsn/2017/07/17/homem-vitruviano-de-da-vinci-ganha-versao-em-3d/>

O fato é que com a transformação das relações trabalhistas e a monetização da economia, conseqüentemente a transformação do significado de valor do trabalho, o sistema capitalista foi se instaurando e modificando cada vez mais as relações sociais.

A divisão sexual do trabalho, que cada vez mais se impunha como estratégia da acumulação primitiva¹⁴, em busca de lucro, dividia o trabalho formal do trabalho reprodutivo como remunerado e não remunerado (já que o último passa a ser visto como dom natural inerente ao corpo feminino). Ainda, Segundo Silvia Federicci (2017), a lógica da acumulação primitiva, que tornou possível o sistema capitalista, explorou e proporcionou a manutenção da exploração do corpo da mulher.

Minha descrição da acumulação primitiva inclui uma série de fenômenos que estão ausentes em Marx e que, no entanto, são extremamente importantes para a acumulação capitalista. Entre esses fenômenos estão: i) o desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho; ii) a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na

¹⁴ Segundo Federicci (2017, p.25), a acumulação primitiva é o termo usado por Marx no tomo I de O capital com a finalidade de caracterizar o processo político no qual se sustenta o desenvolvimento das relações capitalistas. Trata-se de um termo útil na medida em que proporciona um denominador comum que permite conceituar as mudanças produzidas pelo advento do capitalismo nas relações econômicas e sociais. Sua importância está, especialmente, no fato de Marx tratar a acumulação primitiva como um processo fundacional, o que revela as condições estruturais que tornaram possível a sociedade capitalista.

exclusão das mulheres do trabalho assalariado e em sua subordinação aos homens; iii) a mecanização do corpo proletário e sua transformação, no caso das mulheres, em uma máquina de produção de novos trabalhadores. (FEDERICCI, 2017, p.26)

Após um longo período de lutas contra o sistema feudal e, principalmente, de perseguição às mulheres que desafiavam a lógica de imposição da divisão sexual do trabalho e do que era imposto como função feminina, o capitalismo é instaurado como sistema econômico (e social). Segundo Thithi Bhattacharya, Cinzia Arruzza e Nancy Fraser em seu livro, *Feminismo para os 99%: um manifesto* (2019).

(...) sociedades capitalistas também são, por definição, a origem da opressão de gênero. Longe de ser acidental, o sexismo está entranhado em sua própria estrutura. (...) O capitalismo certamente não inventou a subordinação das mulheres. Esta existiu sob diversas formas em todas as sociedades de classe anteriores. (...) Seu movimento fundamental foi separar a produção de pessoas da obtenção de lucro, atribuir o primeiro trabalho às mulheres e subordiná-lo ao segundo.” (p. 51)

Com a chegada do século XVIII e o contexto da Revolução Francesa, que questionou o poder monárquico e a estrutura ainda remanescente da elite feudal, a burguesia francesa ascende ao poder sob os ideais de “liberdade, igualdade e fraternidade”. Sob a ótica do corpo feminino, o movimento acrescentou um novo questionamento que falava do lugar de pertencimento da mulher na sociedade.

(...) a Revolução Francesa é um momento de extrema importância na história das mulheres não apenas porque tudo mudava na “tempestade revolucionária” (SLEDZIEWSKI, 1991, p. 41), mas porque ela levantou a questão das mulheres e inscreveu-a no questionamento político da sociedade, levantando problemas inéditos, como o seu lugar na cidade e não apenas no espaço doméstico. (FONTES, 2016, p.35)

Em final do século XVIII e início do século XIX é que a dicotomia público/privado sobre a ótica do corpo feminino aparece. O espaço privado, reservado às tarefas domésticas e de cuidado com os filhos passa se torna o local imposto à mulher. Uma vida pública era motivo de orgulho para um homem mas de vergonha familiar caso se tratasse de uma mulher.

Vale destacar que, antes do século XIX, segundo Hilde Heynen (HEYNEN, 2005) não havia essa dicotomia privado/público, tampouco esses lugares pertenciam a um gênero ou a outro, logo, a domesticidade foi uma construção do século XIX, onde o termo estendeu-se, quando houve a separação entre a casa e o trabalho, para a existência de uma esfera masculina associada ao público, e uma feminina associada ao privado. (FONTES, 2016, p. 37)

Entretanto, é importante ressaltar, que tal dicotomia que reservava o privado ao feminino e o público ao masculino era reproduzida em sua grande maioria nas classes mais altas. A mulher pobre sempre esteve no espaço público, realizando serviços domésticos

para a elite e fazendo suas próprias tarefas domésticas (que necessitam de serviços localizados na esfera pública), Sohiet pontua:

Com a consolidação da burguesia no poder, firma-se, no século XIX, a divisão de papéis e uma rígida separação das esferas de atuação entre os gêneros: o masculino na órbita pública e o feminino no âmbito privado. Essa situação se configura com mais ênfase entre os segmentos mais elevados, já que as mulheres pobres por sua condição social continuam a ter a rua como espaço preferencial, obrigadas, elas mesmas, a realizarem suas compras, como também ao exercício do trabalho extradoméstico, além de se encarregarem de inúmeras atribuições que lhes proporcionavam maior independência - o que não impedia, porém, a presença de contradições entre os gêneros e as incorporações desses saberes. (SOHIET, 2002, p. 280)

Quando se trata da sociedade brasileira, essas mulheres são, em grande parte, as mulheres negras, que foram exploradas de forma mais intensa, considerando o contexto de uma colonização escravagista que se apropriou ainda mais do corpo feminino negro.

No que se refere às mulheres na sociedade brasileira escravocrata- senhorial, a mulher negra, escrava, sofreu uma exploração econômica ainda mais elevada que a do escravo, pois ela exercia o papel de trabalhadora e, além disso, era objeto de prazer sexual do seu senhor, ou dos jovens brancos na iniciação sexual antes do casamento. (FONTES, 2016, p. 46)

É no contexto do século XIX e no auge da exploração do trabalhador operário durante a Revolução Industrial que Charles

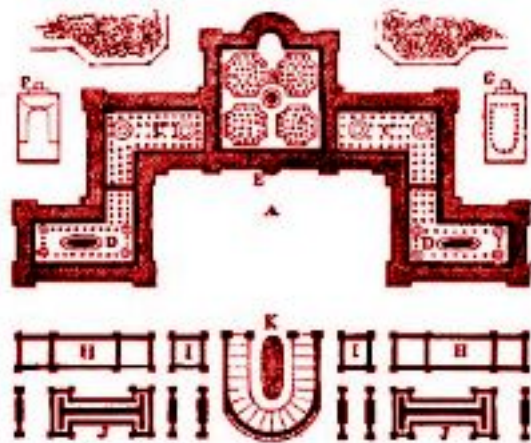
Fourier idealiza uma outra sociedade, justa e igualitarista, que questionava os valores sociais do momento. Fourier questionava, dentre outras coisas, principalmente a instituição social do casamento monogâmico que, segundo ele, acabava por se manifestar em uma “célula familiar monogâmica e restrita” (BARROS, 2016). Deste ponto vinha também a crítica ao lugar imposto à mulher naquela sociedade:

A grande contribuição trazida por Fourier (...) foi a sua percepção de que, na “Civilização”, a mulher terminava sempre por se transformar na contraparte inferior, escravizada pelo marido e tratada como mera mercadoria sob seus cuidados. O gênero masculino, no matrimônio monogâmico, toma o lugar de um “déspota familiar”, oprimindo simultaneamente a mulher e a criança. (BARROS, 2016, p. 229)

Assim, o filósofo propõe a criação de falanges, pequenas unidades sociais cujas cada uma possuiria um edifício, o falanstério. A ideia de Fourier era que a vida no falanstério levaria à dissolução de formações sociais rudimentares espontaneamente. Os falanstérios eram palácios com várias alas e diferentes funções:

(...) compreenderia galerias envidraçadas, pátios internos, jardins, galpões, salas comunais, oficinas, hospedarias, áreas lúdicas que incluiriam um Teatro, e até mesmo uma Igreja (...). As alas do Falanstério também teriam apartamentos de preços diferentes (20 tipos de preço), mas o número máximo de peças que poderiam ser possuídas por um habitante do Falanstério seria três. (BARROS, 2016, p. 232)

Na concepção de Charles Fourier o falanstério proporcionaria uma vida coletiva e comunitária que não iria abolir as diferenças sociais mas a reduziria, além disso propunha também soluções de colaboração que aliviavam a carga de trabalhos domésticos. A ótica sobre o espaço de Fourier leva em consideração as necessidades de forma geral em busca de uma não-distinção de gênero mas consideração das necessidades e particularidades de cada um dos gêneros, que postos naquela sociedade, possuíam diferentes papéis. Para além de soluções espaciais o idealizador vai para o campo social e questiona também a função da figura feminina. A utopia de Fourier não chegou a ser aplicada, porém houveram dissidentes que partiram da sua proposta aplicando na prática uma “remodelação” de sua teoria. Mais a frente será tratado o caso mais expressivo, o de Jean-Baptist Godin.



- | | |
|--|---|
| <p>A. Grande praça de desfiles no centro de Phalanstère.</p> <p>B. Jardim de inverno, plantado com arvoredos verdes, cercado por estufas quentes, etc.</p> <p>C, D. Pátios internos, com arvoredos, fontes, lagoas, etc.</p> <p>E. Grande escadaria, grande escadaria, terra de ordem, etc.</p> <p>F. Teatro, G. Igreja.</p> <p>H, I. Grandes oficinas, lojas, sótãos, galpões, etc.</p> | <p>J. Escadarias, escadarias e edifícios anexos.</p> <p>K. Pátio.</p> <p>Nota. Utilizaram-se muito geralmente neste desenvolvimento maior que da figura - A estrada principal passa entre o palácio residencial e os edifícios da fazenda. - A alameda de rua está representada no laço das linhas internas do Phalanstère.</p> |
|--|---|

Figura 05: Falanstério de Fourier. Fonte: JRRIO¹⁵. Modificada pela autora.

No século XX, com a industrialização dos processos de fabricação, inicia-se o movimento modernista. O movimento moderno leva a lógica de pensar o espaço a um extremo funcionalista, através da

máxima “forma-função”. Os arquitetos-urbanistas idealizam cidades, bairros e edificações baseados em sua lógica funcional (e estética). A casa passa a ser enxergada como uma máquina e a forma de pensar tal espaço se transforma numa lógica dita prática e facilitadora de produção.

Importante parte da história do modernismo, a escola de artes e design, Bauhaus, foi criada como um lugar onde poderia entrar "qualquer pessoa de boa reputação, independentemente da idade ou do sexo" (Walter Gropius, fundador 1919, da Bauhaus). A escola que formou grandes nomes da arquitetura modernista aceitava mulheres, entretanto, as delegava às funções que, segundo seu fundador, não eram tão físicas¹⁶, excluindo-as das profissões de arquitetura, pintura e escultura.

No início do século XX, com a lógica da pré-fabricação e a inovação tecnológica, o espaço da residência foi transformado com a inserção de aparelhos domésticos nas cozinhas. Assim, novos estudos foram sendo realizados levantando questões sobre a eficiência do trabalho doméstico. Neste contexto Margarete Schutte-Lihotzky, em Frankfurt, propõe uma outra forma de pensar o espaço da cozinha, que

¹⁵ Disponível em: <<https://www.jrrio.com.br/construcao-sustentavel/ecovilas-antecedentes.html>>

¹⁶ Archdaily, As mulheres esquecidas da Bauhaus, 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/890329/as-mulheres-esquecidas-da-bauhaus>

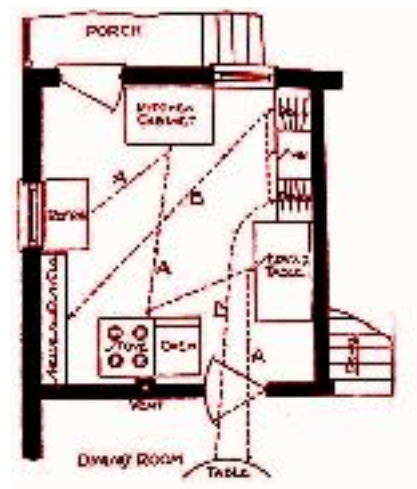
inserir as inovações da tecnologia e diminuir o tempo de trabalho da mulher dentro da residência.

Com uma lógica extremamente funcionalista Margarete cria a Cozinha de Frankfurt. Neste espaço remodelado os móveis eram dispostos de forma linear, que integrasse os aparelhos domésticos e os móveis de suporte, formando algo similar à uma linha de produção. A arquiteta pensou desde os móveis aos pequenos detalhes como armazenamento de cereais. Tudo deveria funcionar como uma fábrica onde a mulher conseguiria realizar mais funções em menos tempo. A ideia foi difundida na cidade de Frankfurt pela iniciativa pública e durante um período todos os novos projetos de residência deveriam reproduzir tal modelo.

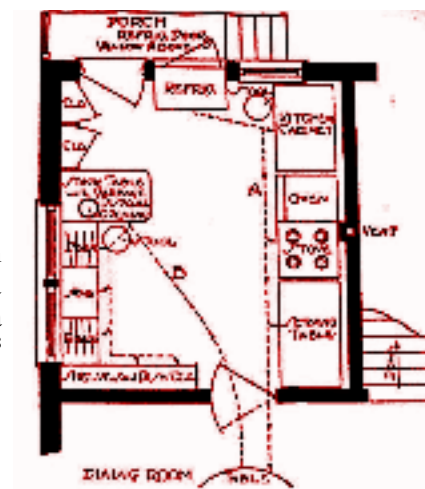
A reflexão sobre o trabalho doméstico, naquele momento, mais que atualmente, delegado à mulher, manifesta uma ótica fora da linha de pensamento que vinha sendo reproduzida, sobre o corpo feminino e sua necessidade dentro da residência, naquele momento um avanço. Entretanto é importante destacar que a lógica de liberação do tempo feminino liberava o seu tempo não só como uma “libertação feminina” mas também permitia que mulheres tivessem mais tempo para servir de mão de obra à burguesia.



Figura 06: Cozinha de Frankfurt. Modificada pela autora.¹⁷



Figuras 07 e 08: Planta baixa com demonstração da circulação na Cozinha Frankfurt em comparação com a cozinha tradicional da época. Modificada pela autora.¹⁸



¹⁷ Fonte:

<<https://hista.rq.wordpress.com/2013/03/01/aula-7-a-cozinha-de-frankfurt-1926/>>

¹⁸ ibdem.

Em torno de 1950, com a lógica da industrialização e da inserção de objetos pré fabricados na arquitetura, Le Corbusier criou uma nova forma de basear as medidas - com referência ao homem vitruviano - o modulator. O **modulor de Le Corbusier** baseava o cálculo das dimensões dos espaços na medida de um corpo masculino, de 1,83m de altura, seu intuito era facilitar a pré-fabricação e a unificação de sistemas métricos. A ideia do arquiteto foi aplicar um módulo que determinasse ritmos na edificação, com traçados reguladores, e a medida partindo de um “homem padrão”. A regulação dos traçados baseado nas medidas masculinas tratava de regular não só a edificação como também os corpos inseridos nela, e conseqüentemente, o corpo feminino.

Le Corbusier foi e é um dos arquitetos modernistas mais conhecidos e influentes dentro de seu campo profissional. Suas ideias influenciam a forma de pensar arquitetura e urbanismo até a atualidade e são amplamente reproduzidas nas universidades. Mesmo que o modulor tenha deixado de ser a base do pensamento do arquiteto o seu anseio de que “arquitetura é colocar em ordem” reflete ainda as formas de pensar o espaço contemporâneas.

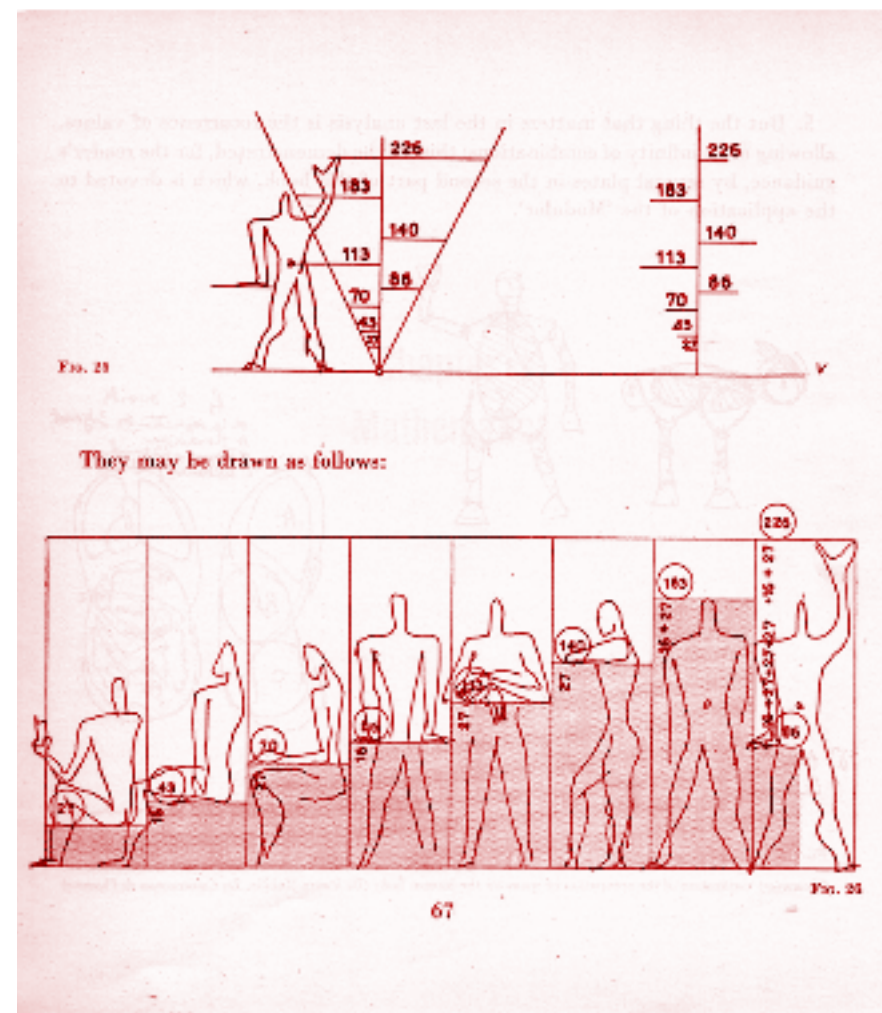


Figura 09: O modulor de Le Corbusier. Modificada pela autora. Fonte: Flickr¹⁹

¹⁹ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/ad_symphoniam/4057545794/>

Dentro do modernismo brasileiro e sobre uma outra ótica de pensar o espaço que contesta e difere da tradicional, Carmen Portinho foi importante referência. A engenheira civil foi quem coordenou todo o projeto do Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, o Pedregulho, em 1947, importante ícone da arquitetura moderna brasileira. Portinho tinha participação direta nos processos de decisões projetuais, apesar do fato ser pouco conhecido. Junto à Affonso Reidy propôs uma nova lógica de se pensar o espaço habitacional com a inserção de equipamentos como escola, posto de saúde e mercearia dentro da área do conjunto.

Carmen Portinho foi importante militante do movimento feminista na década de 30 em luta pelo voto feminino. Parte de sua luta por um olhar para além dos corpos masculinos se refletiu na concepção do Pedregulho. Diante de uma perspectiva que buscava reduzir a carga de trabalhos domésticos das mulheres, a engenheira propõe o uso de uma lavanderia coletiva. Propõe também um conjunto habitacional que reunia várias funções e possibilitava uma redução no deslocamento das mulheres para realizar as funções de cuidado doméstico e trabalho reprodutivo. Carmem Portinho, segundo Ana Luiza Nobre (1999),

“deixava claro em seus discursos a liberação da ‘vocação natural’ da mulher para a maternidade e as tarefas domésticas”.²⁰



Figura 10: Conjunto Habitacional Prefeito Mendes de Moraes. 1947. Modificada pela autora. Fonte: O Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, Pedregulho - de A. E. Reidy²¹.

Ao mesmo passo que na atual capital brasileira daquele momento era pensado e executado o Pedregulho, trazendo consigo

²⁰ NOBRE, Ana Luiza. Carmen Portinho. O moderno em constru o. Perfis do Rio, volume 25, Relume Dumará, Rio de Janeiro; 1  edic o, 1999. P. 44 apud MARTINS, Máquinas do conforto. A divulga o dos eletrodomésticos e a divisão de g nero nos lares de 1960. 2014.

²¹ Disponível em: <https://issuu.com/paula.jareta/docs/pedregulho_relatorio2>.

ideias inovadoras sobre a perspectiva das necessidades femininas, era também colocada em prática a construção da nova capital, Brasília.

Em 1960 o projeto da nova capital brasileira é inaugurado. A lógica funcional modernista foi a base do projeto da cidade. O arquiteto Lúcio Costa, com a cooperação de Oscar Niemeyer em edificações icônicas, fizeram da nova capital brasileira uma cidade que ignora ainda mais a vivência feminina. De forma geral, a cidade foi projetada em setores, onde cada setor correspondia à uma função. O monofuncionalismo modernista não promove a mescla de usos e consequentemente, dificulta o dia a dia dos seus cidadãos, aumentando as distâncias percorridas para realizar tarefas corriqueiras. Adicionando à isto o modelo de superquadra, Lucio Costa tornou a cidade ainda mais insegura para mulheres já que o deslocamento necessário entre uma via e outra é tão longa que acaba por provocar caminhos cortados por entre as edificações da quadra. Estes lugares, portanto, distantes dos olhares de quem circula por ali coloca ainda mais o corpo feminino em evidência.

Uma cidade de setorização monofuncional que dá prioridade ao transporte individual e hostiliza o pedestre atende às necessidades apenas daquele que possui renda suficiente para circular de carro ou

segurança de que não ocorrerá violência contra seu corpo cortando caminho, além de não ter a necessidade de realizar tarefas diversificadas ao longo do dia. As necessidades as quais Lucio Costa buscou suprir, do cidadão genérico, não são necessidades femininas.

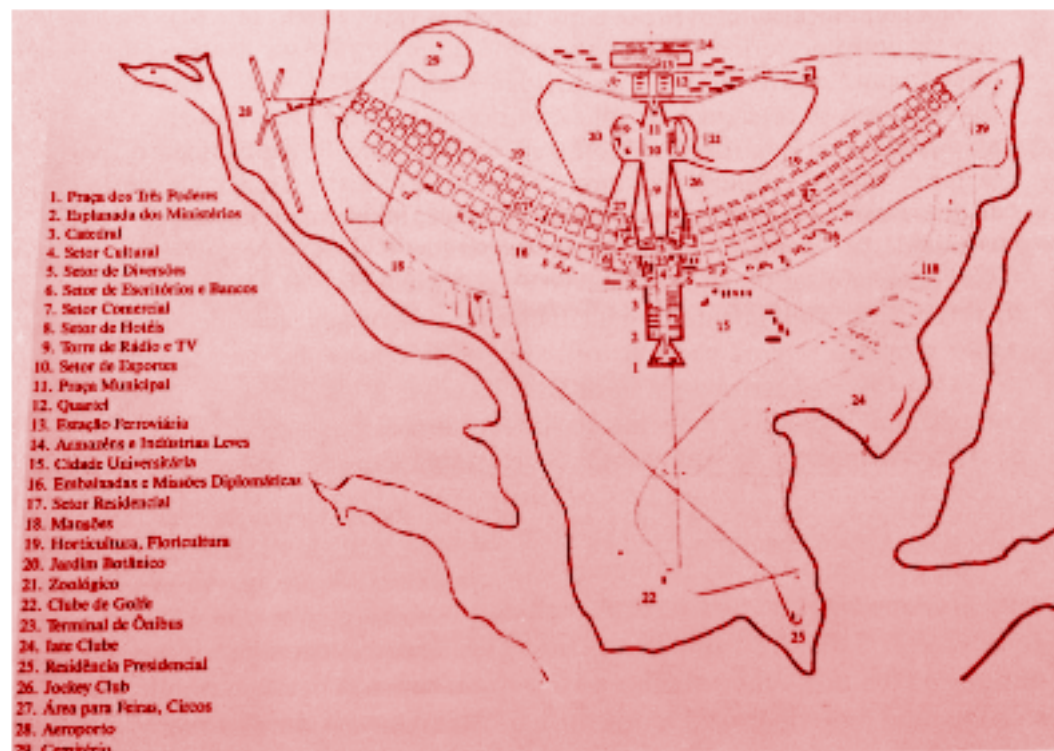


Figura 11: Setorização da cidade de Brasília. Modificada pela autora. Fonte: Refarq.²²

²² Disponível em: <https://refarq.com/2016/07/25/plano-piloto-_-brasil/>.

O movimento moderno, apesar de ter trazido algumas contribuições sobre a discussão de gênero no campo da arquitetura e urbanismo, acirrou ainda mais a dicotomia de gêneros masculino e feminino. Para além de colocar a mulher em função do seu papel social, que começou a ser questionado por algumas profissionais, invisibilizou também essa experiência no espaço através de uma nova forma de projetar, transformando também o corpo feminino em máquina, dentro de uma lógica industrial, dita inovadora, mas que reproduziu a mesma forma de pensar o espaço através da repetida análise de um corpo genérico que se perpetuou (e perpetua) desde Vitruvius.

Posteriormente ao fim do modernismo, nos anos 90, a cidade de Viena foi uma das pioneiras na inserção do debate da questão de gênero no campo da cidade. Após a realização de uma oficina das mulheres, a prefeitura chama Eva Kail, uma das idealizadoras da oficina, para a abertura de um departamento de gênero. Um ano após a criação da oficina foi lançado um concurso de um modelo que respondesse à questão “Como seria um distrito planejado a partir da perspectiva das mulheres?”, o *Frauen Werk Stadt*²³ *Model Project*, e a ideia foi acolhida pelo conselho da cidade.

²³ Frauen Werk Stadt pode ser traduzido como Mulheres da cidade do trabalho

Desta iniciativa resultaram três projetos de conjuntos habitacionais, os Frauen Werk Stadt (FWS) I, II e III. Os conjuntos habitacionais I e II foram produtos de um concurso entre arquitetas onde se buscava facilitar a conciliação da vida urbana e cotidiana das mulheres através da variedade de tipologias, com máxima flexibilidade de usos e máxima relação das cozinhas com seus espaços de brincar das crianças pequenas assim como flexibilidade no uso do solo e a inserção de equipamentos como escola e centros de saúde. A ideia de Kail era mostrar que **“os critérios para uma habitação adaptada às mulheres não constituem só um manifesto teórico mas também que se podem levar à prática”**²⁴.

Para Eva Kail aplicar a perspectiva de gênero é bastante sensível. É a exitosa combinação da inteligência social e tecnológica, uma estratégia de avaliação de qualidade pela qual é obrigatório ter na igualdade de valor as necessidades, demandas e desejos de mulheres e homens, de meninas e meninos, também prestando atenção às diferentes idades, culturas e situações sociais, sendo conscientes que diferentes grupos têm diferentes necessidades e interesses. É que para tomar decisões (e o urbanismo é sempre tomar decisões, decidindo todo o tempo sobre grupos de interesse em conflito) é necessário estar alerta sobre quem tem respondidas suas

²⁴ Matéria sobre Eva Kail, Un dia una arquitecta, escrita por Zaida Muxi. Disponível em: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/2015/10/31/eva-kail-1959/#more-10916>

necessidades de melhor maneira e quem não. (MUXI, 2015)²⁵

No FWS I, de maneira geral, houve a preocupação com a integração do conjunto ao seu entorno, facilitando deslocamentos e circulação de pessoas. Além disto, houve também a inserção de uma creche e proposição de diferentes tipologias habitacionais, que atendessem a diferentes configurações familiares. Mais abaixo a autora tratará mais detalhadamente sobre o projeto.



Figura 12: Frauen Werk Stadt I. Modificado pela autora. Fonte: Open House Wien.²⁶

²⁵ ibdem.

²⁶ Disponível em: <<https://openhouse-wien.at/de/frauenwerkstadt.html>>

Já no FWS II, foram pensadas habitações tanto para família com crianças pequenas como para idosos, com espaços de lazer comunitários, além de uma lavanderia coletiva e áreas para guardar bicicleta, carrinhos de bebê e carrinhos de compra. Foram propostos também espaços de lazer separados para crianças pequenas, adolescentes e idosos o que atenua o generalismo das áreas de lazer comuns à todos.



Figura 13: Frauen Werk Stadt II. Modificado pela autora. Fonte: Stadt Wien.²⁷

²⁷ Disponível em:

<<https://www.wien.gv.at/stadtentwicklung/alltagundfrauen/wohnbau.html>>.

No Frauen Work Stadt III houve a participação de uma associação de mulheres durante todas as etapas do projeto, que o levaram a ter uma característica muito mais comunitária que os dois primeiros. O único edifício possui espaços comunitários internos que vão desde espaços de armazenamento à salas de oficina de pequenos consertos. Na cobertura ainda há uma lavanderia comunitária, sauna e área externa além de espaços para hortas. As unidades habitacionais também foram pensadas para haver maior flexibilidade possível, adaptando-se à diferentes usos.



Figura 14: Frauen Werk Stadt III. Modificado pela autora. Fonte: ResearchGate.²⁸

Longe da reprodução do modelo “neutro”, os Fraeun Werk Stadt’s foram os primeiros edifícios contemporâneos a pensar e questionar de fato as necessidades específicas do gênero feminino espacializadas. No próximo capítulo serão tratadas as teorias e estudos levantados sobre o que pode ser pensar perspectiva de gênero dentro da área de arquitetura e urbanismo.

²⁸ Disponível em:

<https://www.researchgate.net/figure/Figura-01-Edificos-y-espacios-ajardinados-de-lo-s-proyectos-piloto-y-de-Rosa-De-arriba_fig1_275066157>

2. A pers- pectiva de gênero? Ou pers- pectivas?

(...) na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho. (FEDERICCI, 2017, p. 34)

O que é então a perspectiva de gênero quando se trata do olhar sobre a arquitetura e urbanismo? Que necessidades são essas que estão apagadas por trás do “ser neutro” à quem são pensados os espaços?

Partindo da reflexão histórica do espaço reservado à mulher na sociedade se encontra a inquietação da autora sobre o que é a dita perspectiva de gênero no campo da arquitetura e do urbanismo.

Há apenas uma reprodução deste modo de projetar ou há também uma resistência de pensá-lo? Existem mulheres que buscam a fuga do trabalho que é lido pela sociedade como uma perspectiva para o público feminino?

Existe uma forma de pensar o projeto com um olhar sobre o corpo da mulher que seja único? É a mulher um sujeito social único que possui necessidades comuns? Segundo Judith Butler:

(...) a presunção política de ter de haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada numa identidade supostamente inexistente em diferentes culturas, acompanha frequentemente a ideia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular da dominação patriarcal ou masculina. (BUTLER, 2003, Problemas de gênero, p.20)

Como comentado brevemente no capítulo anterior, as cidades vem sendo historicamente pensadas de forma neutra. No entanto, a neutralidade é na verdade uma manifestação da dualidade de gênero no espaço, que provoca a invisibilização da experiência feminina.

[...] na organização dominante do conhecimento, nós mulheres temos ficado fora. Porque, tradicionalmente, o sujeito do pensamento, o sujeito do discurso, o sujeito da história, o sujeito do desejo é um ser masculino que se declara universal, que se proclama representante de toda humanidade. Segundo o pensamento da diferença sexual, o sujeito do conhecimento não seria um ser neutro universal se não sexuado: e o conhecimento que esse sujeito pretendidamente universal tem produzido ao largo da história seria somente conhecimento masculino, conhecimento ao qual nós mulheres não nos reconhecemos. Porque, nas sociedades patriarcais, os homens haveriam construído sua identidade masculina como única identidade possível, e nos haveriam negado às mulheres uma identidade própria. (WALBY, Silvia apud MUXI, Zaida. 2009)²⁹

²⁹ “[...] en la organización dominante del conocimiento, las mujeres hemos quedado fuera. Porque, tradicionalmente, el sujeto del pensamiento, el sujeto del discurso, el sujeto de la historia, el sujeto del deseo es un ser masculino que se declara universal, que se proclama representante de toda la humanidad. Según el pensamiento de la diferencia sexual, el sujeto del conocimiento no sería un ser neutro universal, sino sexuado; y el conocimiento que ese sujeto pretendidamente universal ha producido a lo largo de la historia sería solamente conocimiento masculino, conocimiento en el que la mujeres no nos reconocemos. Porque, en las sociedades patriarcales, los hombres habrían construido su identidad masculina como única identidad posible, y nos habrían negado a las mujeres una subjetividad propia.” Tradução livre.

Falar, então, sobre uma única perspectiva de gênero não reproduz a ideia da neutralidade? Generalizar as várias vivências de diversas mulheres que estão inseridas em diferentes contextos culturais, de raça, classe, idade e tantas outras particularidades não é repetir o modelo que vem sendo produzido até o momento?

Sem embargo, a cidade é a vida cotidiana, o dia a dia. As cidades são cada uma única e irrepitível[,] a cidade como definição é uma associação de gentes diversas, essa montagem nunca foi tão certa como nos princípios do século XXI: origens diversas, opções de vida diversas, interesses diversos...³⁰ (MUXI, Zaida. 2007)

O olhar do corpo feminino sobre sua própria vivência traduzido no projeto urbano pode vir a reproduzir uma mesma lógica projetual que um homem possui, ao pensar em um projeto com foco num público feminino. Uma leitura das necessidades femininas a partir da lógica patriarcal, que segue sendo repetida mesmo pelas próprias mulheres. A tensão social da profissional de arquitetura em ser reconhecida pela sociedade por cumprir um papel já esperado dela como corpo feminino

³⁰ “Se confunden realidades con líneas, sin embargo, la ciudad es la vida cotidiana, el día a día. Las ciudades son cada una única e irrepitible la ciudad como definición es una asociación de gentes diversas, esta aseveración nunca ha sido tan cierta como a principios del siglo XXI: orígenes diversos, opciones de vida diversos, intereses diversos...”. Tradução livre.

pode tornar nebulosa até mesmo a sua própria experiência sobre o espaço.

Os trabalhos doméstico e de reprodução social são trabalhos culturalmente impostos pela sociedade como femininos, tarefas de cuidado com o lar e com a reprodução que estão postos como parte intrínseca ao corpo da mulher simplesmente pela característica biológica de dar vida a um ser humano. Esta ótica nos leva a questionar sobre o que seria de fato uma perspectiva de gênero sobre o projeto do espaço urbano.

Será que o projeto que facilita a dinâmica dos cuidados domésticos e criação das crianças pode ser considerado um projeto de ótica sobre o corpo da mulher ou ele está apenas reafirmando a lógica da normalização da heterossexualidade do homem branco de classe média?

Nesta linha Rossana Brandão Tavares, professora e pesquisadora da Universidade Federal Fluminense, que estuda a questão de gênero no âmbito da arquitetura e do urbanismo, em sua tese de doutorado, ressalta:

Na política urbana e no urbanismo, comumente, a consideração da dimensão de gênero surge apenas naquilo que reforça os seus papéis sociais tradicionais. Por essa razão, demandas por creches, posto de saúde, praça para

crianças (isto é, aquilo que remete à sua responsabilidade doméstica e ao cuidado com a família) são utilizados nos discursos como reivindicação das mulheres, encarnando-as somente como mães. (TAVARES, 2015, p. 40)

Atualmente o trabalho doméstico e de cuidado com outra pessoa dentro da residência ainda é um trabalho majoritariamente feminino e longe de um indicador, próximo ao ideal, de compartilhamento de tarefas. Segundo o informativo de estatísticas de gênero do IBGE³¹ de 2018, baseado em dados de 2016, as mulheres dedicam cerca de oito horas semanais a mais que os homens aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos. A comparação entre mulheres pretas ou pardas e brancas, baseada no mesmo indicador, ainda demonstra que as mulheres pretas ou pardas precisam se dedicar uma hora a mais por semana a tais trabalhos, evidenciando ainda a desigualdade gênero-raça. Também é possível perceber que o rendimento médio mensal de trabalhos remunerados masculino ainda é muito superior ao feminino.

³¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=publicacoes>>.

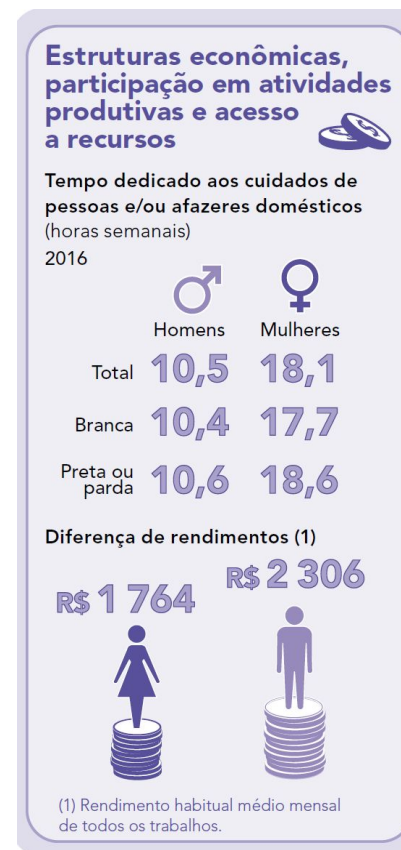


Figura 15: Diferenças de rendimentos e de tempo dedicado ao cuidado ou trabalho doméstico entre mulheres e homens, em 2016, no Brasil. Fonte: IBGE.

Para além do olhar das necessidades acarretadas do trabalho de cuidado com o lar e a reprodução está a perspectiva do corpo feminino circulando, este por si só, por habitar a cidade já impõe necessidades específicas, pois, dentro da sociedade burguesa regida culturalmente

pelo androcentrismo, o espaço público não é local acolhedor ao corpo feminino. A mulher é lida, de certa forma, como “um bem disponível, um bem considerado um objeto”. Em entrevista à revista vitruvius³²

Zaida Muxi (2018) ressalta que:

(...) os problemas de insegurança que sofrem as mulheres nos espaços públicos não sofrem os homens. Obviamente, o homem pode sofrer alguma forma de violência, ser atacado, ser morto, mas não por ser homem, em geral, por causa de seus pertences, o que também ocorre com a mulher. Entretanto é a mulher que morre de medo do outro.

A mulher circulando pela cidade, por si só, já é vista pela sociedade como um bem disponível. Diferentemente dos medos do corpo masculino, que envolvem a perda de bens, o corpo feminino é o próprio bem que pode ser possuído. O medo de ataques só pelo fato de ser mulher na cidade é constante. A segurança no espaço urbano, então, se impõe como uma das questões mais relevantes a ser considerada numa perspectiva generificada do espaço. Segundo levantamento³³ do

³² COTA, Daniela Abritta. Entrevista com Zaida Muxi. Cidade, política e gênero. Entrevista, São Paulo, ano 19, n. 075.02, Vitruvius, set. 2018 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/19.075/7123>>.

³³ A análise do anuário foi produzida a partir de dados de registros policiais e das Secretarias estaduais de Segurança Pública e/ou Defesa Social. É importante ressaltar que muitos casos de estupro no Brasil não são registrados, quer seja por medo de retaliação por parte da vítima, quer seja por sensação de culpa, quer seja por não identificação do ato como estupro. O levantamento serve como base geral mas a

Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2019, desenvolvido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, quase 82% das vítimas dos crimes de estupro e estupro de vulnerável são mulheres.



Figura 16: Gráfico de distribuição dos crimes de estupro e de estupro de vulnerável segundo sexo, no Brasil. Fonte: Anuário brasileiro de segurança pública, 2019.

É importante tratar também do quanto o espaço da residência, apesar de ser o local “dito feminino” ainda assim é um dos espaços mais hostis para o corpo da mulher. A violência doméstica acontece dentro do âmbito privado. A dicotomia entre o público/privado atua, neste caso, invisibilizando tal realidade. O privado se restringe

porcentagem real pode ser ainda maior. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/>>

unicamente à família, majoritariamente regida pelo homem, independente da vida pública e daí vem, portanto, a cultura que tanto repete o ditado “em vida de marido e mulher ninguém mete a colher”. O ambiente da casa passa a ser um local ao qual só diz respeito os que nela habitam, não é estranho observar, portanto, que a maior parte dos feminicídios no Brasil ocorrem dentro das residências.

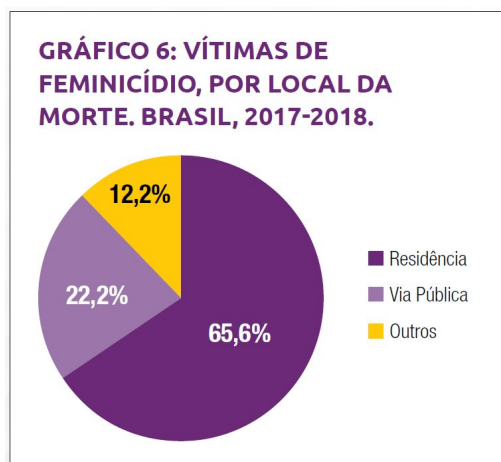


Figura 17: Gráfico de vítimas de feminicídio por local de morte no Brasil. Fonte: Anuário brasileiro de segurança pública, 2019.

Neste sentido, para referência de uma perspectiva de gênero da segurança no espaço público e principalmente os “entornos habitáveis” foram utilizados trabalhos do Collectiu Punt 6, um coletivo de associação de mulheres pertencentes a diferentes áreas de

conhecimentos em arquitetura, planejamento urbano e sociologia. O objetivo do coletivo é repensar cidades, bairros e arquiteturas e favorecer uma vida sem discriminação de qualquer tipo, trabalham da perspectiva de gênero, fundamentalmente da experiência cotidiana das mulheres. O coletivo elaborou um documento³⁴ que define “linhas estratégicas para aplicar em diferentes espaços (habitação, construção e meio ambiente) e, dessa forma, melhorar a percepção de segurança que existe naquele espaço” entendendo que “a percepção de segurança está intimamente ligada às características sociais de uma pessoa, e o gênero tem um papel fundamental em como mulheres e homens percebem os espaços e que tipo de coisas eles têm medo”.

É importante refletir que, apesar das estratégias levantadas serem boas diretrizes para um outro olhar sobre o espaço, é essencial que o documento não seja utilizado como manual ou *ckecklist*. Como já dito anteriormente, cada localidade possui especificidades que envolvem ambiente físico, cultural e social. Ainda é importante lembrar que a pesquisa foi desenvolvida em um contexto de sociedade latino-americana, entretanto em uma cidade da Colômbia e trata de uma análise de necessidades específicas daquele local. Por mais que

³⁴ “Entornos Habitables: Auditoría de seguridad urbana con perspectiva de género en la vivienda y el entorno”

algumas características tendam a se repetir em outros espaços, entender que cada contexto possui necessidades e sujeitos distintos e diversos é essencial para que não se volte ao debate de reprodução de um modelo, mesmo que o sujeito agora se pretenda feminino.

O trabalho relaciona seis características que o espaço deve possuir para ser seguro da perspectiva de gênero, sendo ele: sinalizado (entorno sinalizado), visível (o fato da mulher ver e ser vista), vital (o fato da mulher ouvir e ser ouvida), vigiado (vigilância formal e acesso à ajuda, poder obter auxílio), equipado (viver em um ambiente limpo e acolhedor) e comunitário (a participação da comunidade, atuar em conjunto). Tais características proporcionam um ambiente dinâmico e de estímulo à cooperação entre as pessoas, resultando em uma comunidade que se dá suporte e é menos dividida pela binaridade sexual. Estas alternativas podem, de fato, diminuir a sensação de insegurança. Uma vez que o sentimento de comunidade aumenta, fica mais fácil transcender os limites impostos de privado/público que resultam em uma sensação de “ter com quem contar”.

Entretanto, é relevante ressaltar que as soluções espaciais atuam na esfera da sensação de segurança, trazendo conforto às usuárias. A modificação do espaço, por si só, não soluciona as questões culturais

que o machismo impõe, nem de apropriação do corpo feminino, nem de designação das funções reservadas à residência à este mesmo corpo.

A primeira característica, **entorno sinalizado**, parte do princípio de saber onde se está e para onde se vai. O estudo coloca que a sinalização (visual, acústica e tátil) não sexista faz parte da compreensão da cidade e saber nos localizar e orientar aumenta a percepção de segurança e nos faz se sentir inseridas na cidade. A proposta é que sejam inseridos mapas e sinalizações que localizem no entorno transporte público, redes cotidianas, incluindo os espaços de apoio em caso de violência machista, sinalizações para mobilidade peatonal (feiras próximas, obras, rotas acessíveis, etc.) além de enfatizar a necessidade de sinalizações que incluam as diversidades de idades, corpos e gêneros.



Figura 18: Exemplo de sinalização em praça. Fonte: Entornos Habitables: Auditoría de seguridad urbana con perspectiva de género en la vivienda y el entorno, Collectiu Punt 6.

Já a segunda característica trata do **entorno visível**, ver e ser vista. Nesta perspectiva o trabalho expõe a necessidade da visibilidade no espaço público, de forma que a vigilância ocorra de maneira mútua entre outras caminhantes mas também sobre a ótica do reconhecimento das mulheres como agentes sociais. Como tradução disso, o Coletivo sugere a continuidade das rotas e conexão visual entre os espaços do entorno; iluminação contínua distribuída de maneira homogênea e sem

obstruções, evitando locais escuros e não visíveis principalmente no período noturno; eliminação ou adequação de espaços com cantos, áreas ocultas, sem visibilidade ou abandonados; mudança ou adaptação de mobiliário urbano, vegetação ou outros elementos que obstruam as linhas de visão; eliminação ou adaptação de passagens subterrâneas, pontes de pedestres e escadas, espaços que não possuem opções alternativas de rota; paradas de transporte público e saídas de estacionamento público transparentes que não criem espaços “escondidos” e invisíveis; repensar, no desenho da habitação, a definição e usos dos espaços dando visibilidade às tarefas reprodutivas. O estudo ainda aponta questões para além do espaço físico construído e formal que falam da memória coletiva sobre as histórias das mulheres, imagens e textos no espaço público não sexistas, compilação de dados e campanhas sobre violência machista além de corresponsabilidade social das tarefas reprodutivas.

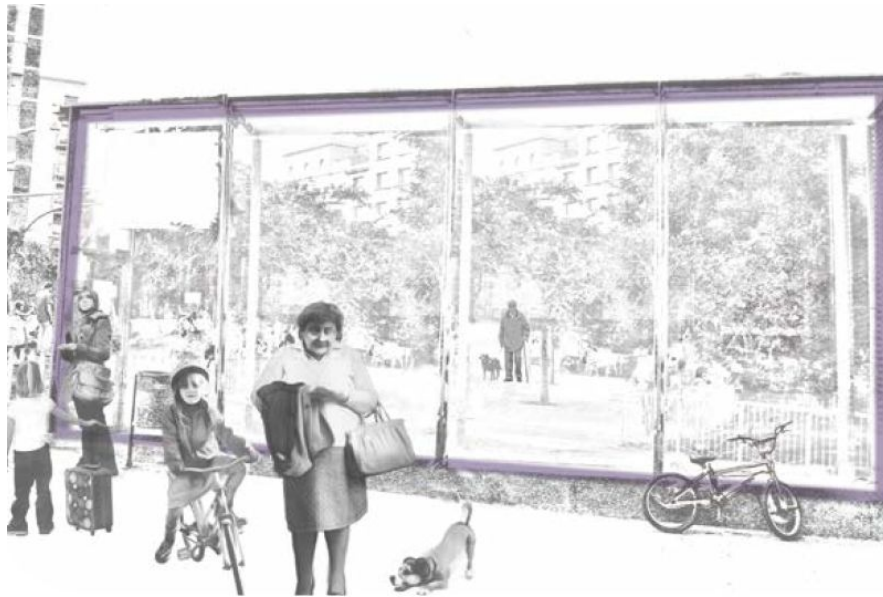


Figura 19: Exemplo de ponto de ônibus que não obstrui a visão do pedestre. Fonte: Entornos Habitables: Auditoría de seguridad urbana con perspectiva de género en la vivienda y el entorno, Collectiu Punt 6.

A linha estratégica do **entorno vital**, ouvir e ser ouvida, refere-se a ideia de um espaço vivenciado, com circulação de pessoas realizando diferentes atividades em vários horários do dia junto à combinação de diferentes usos e atividades, apontando a importância da *presença simultânea e contínua de pessoas e da densidade de atividades e usos nas ruas e espaços* (p.67). Como forma de espacializar a questão, as profissionais sugerem edificios com espaços intermediários e espaços de relação conectados com a rua que gerem atividade; aumento da densidade em edificações existentes; planejamento urbano em escala de bairro com usos mistos, evitando monofuncionalidade e incentivando o comércio de proximidade; proximidade entre os diferentes usos cotidianos; estrutura urbana com ruas e esquinas como espaço de encontro; atribuição temporária de espaços vazios ou edificios fora de uso para usos comunitários; promoção de eventuais atividades que ampliem os espaços de relacionamento e as ruas circundantes; espaço de relação com atividades simultâneas e em diferentes horários; ruas da rede cotidiana com preferência peatonal; uma solução para o estacionamento do veículo privado, aliviando a lotação dos espaços públicos e permitindo uma melhor circulação.



Figura 20: Exemplo de diversidade de público e proposição de comércio nas rotas caminháveis. Fonte: Entornos Habitables: Auditoría de seguridad urbana con perspectiva de género en la vivienda y el entorno, Collectiu Punt 6.

A quarta estratégia trata do **entorno vigiado**, poder escapar e obter auxílio. Esta concepção aborda tanto a vigilância formal, realizada pelo poder público e instituições de tal competência, como a vigilância mútua, compartilhada por todas as pessoas que habitam a cidade, “vigiar é cuidar”. “A vigilância informal se dá quando existe diversidade social, física e funcional” (p. 81) isto permite um espaço diverso, de usos diversos, respondendo à necessidade de uso de diferentes corpos que considerem gênero, idade, condição social,

acessibilidade, sexo, entre outros. As autoras incentivam o acesso à habitação para população de diversos perfis sociais; criação de habitações de diferentes regimes de posse (aluguel social, cooperativas de habitação, cessão de uso); desenho dos espaços públicos que favoreça a diversidade de usos; localização de espaços isolados em relação a outros usos, acrescentando equipamentos como paradas de ônibus e banheiros públicos no entorno de equipamentos isolados; acesso ao espaço doméstico através de passagens por espaços comuns que favoreçam a interação de pessoas e evitem o isolamento; desenho dos espaços de uso mais intenso da habitação orientados e com vistas para os espaços de relação; desenho seguro nos espaços de acesso que permita ver de dentro à fora e vice versa desde outros espaços de uso público; desenho das fachadas e acessos com “olhos” para a rua e espaços de relação; localização do comércio, serviços, equipamentos e usos da comunidade nos andares térreos; eliminação de muros cegos nas ruas da rede cotidiana.

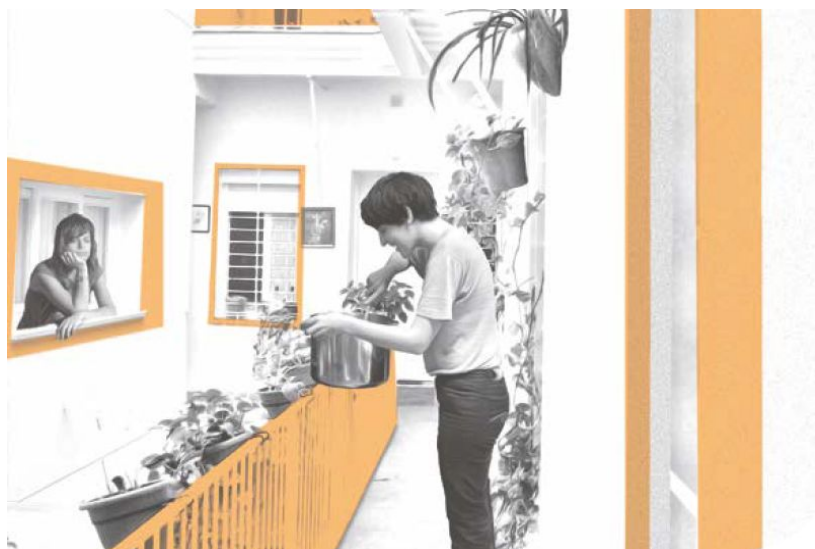


Figura 21: Exemplo de acesso ao espaço doméstico através de passagens por espaços comuns. Fonte: Entornos Habitables: Auditoría de seguridad urbana con perspectiva de género en la vivienda y el entorno, Collectiu Punt 6.

A quinta estratégia, **entorno equipado**, fala sobre o planejamento e a manutenção dos lugares, viver em um ambiente limpo e acolhedor. Entorno equipado é conceituado como “aquele que dispõe de infraestruturas e elementos que apóiam as atividades da vida cotidiana a uma distância e tempo adequado, garantindo um ambiente limpo e acolhedor” (p. 95). O entorno equipado favorece a segurança permitindo um uso diversificado do espaço público e comunitário que acompanham as diversas atividades do dia a dia. Acrescentam ainda que este tipo de estratégia cria mecanismos para que as pessoas possam

permanecer em seus bairros evitando de certa forma “problemas de expulsão por motivos econômicos, condições de habitação ou dos espaços ou violência machista” (p. 95). A estratégia se traduz de maneira geral em garantir a diversidade tipológica das habitações; projetar espaços e caminhos recorrentes cuidados e conectados às atividades cotidianas; assegurar os equipamentos e serviços necessários para o desenvolvimento da vida cotidiana e garantir a segurança das mulheres e pessoas que vivenciaram a violência machista.



Figura 22: Exemplo de espaço urbano equipado. Fonte: Entornos Habitables: Auditoría de seguridad urbana con perspectiva de género en la vivienda y el entorno, Collectiu Punt 6.

A última linha estratégica trabalhada pelas autoras, **entorno comunitário**, fala sobre a participação da comunidade, atuar em conjunto. Entendendo que uma comunidade “está formada por um grupo de pessoas que vivem em um espaço específico considerando as dimensões físicas e sociais” (p. 111), levantam o quanto é importante propiciar espaços de relação para favorecer a convivência, o intercâmbio e a socialização de pessoas, criando uma rede de vínculos e sentimento de pertencimento. Um espaço comunitário pode também evitar o isolamento das pessoas que pode favorecer a violência machista. A partir disso o documento aponta a necessidade de potencializar redes sociais existentes e a apropriação comunitária dos espaços além de assegurar a participação comunitária desde uma perspectiva de gênero interseccional para identificar as necessidades da vida cotidiana nos projetos.



Figura 23: Exemplo de áreas de uso comunitário no entorno de habitação. Fonte: Entornos Habitables: Auditoría de seguridad urbana con perspectiva de género en la vivienda y el entorno, Collectiu Punt 6.

As linhas estratégicas propostas no trabalho do Collectiu Punt 6 auxiliam não só no direcionamento de um pensar sobre as necessidades de gênero como também transpor a dicotomia público/privado. Fazendo deste fato uma das estratégias principais para buscarmos um olhar sobre o espaço não binário que considere as reais necessidades dos usuários.

Nessa linha, repensar a habitação e a forma como ela vem sendo produzida e reproduzida é substancial. Vivemos em um momento em que o lucro guia a produção habitacional brasileira, seja ela popular ou

não. Os princípios de uma boa arquitetura em questão de temperatura, iluminação, transmissão sonora e habitabilidade em geral são cada vez mais esquecidos para uma produção habitacional mercadológica que ignora a vivência da habitação e também de seu entorno, cada vez mais fragmentado. Segundo Zaida Muxi e Josep María Montaner “a habitação é um espaço privado (...) em que se realizam principalmente as atividades e tarefas da reprodução”³⁵. A partir deste ponto, se analisarmos as famílias contemporâneas que, em sua maioria, ainda mantém as convenções sociais do núcleo familiar heteronormativo (composto por pai - gênero masculino, mãe - gênero feminino e filhos) onde o trabalho reprodutivo e doméstico é designado ao corpo feminino, então poderíamos dizer que **uma habitação que pense nas dinâmicas da reprodução social e do trabalho doméstico poderia ser dita uma habitação com perspectiva de gênero?**

Muxi e Montaner refletem em seu artigo, “Reflexiones para proyectar viviendas del siglo XXI”³⁶ publicado em 2010, as dinâmicas do dia-a-dia de uma residência e as várias conformações espaciais que podem auxiliar e facilitar tarefas de reprodução e de manutenção da

³⁵ La vivienda es el espacio privado, un interior construido, en el que se realizan principalmente las actividades y tareas de la reproducción. Tradução livre.

³⁶ Tradução livre: Reflexões para projetar habitações do século XXI.

unidade habitacional. Segundo os autores, é essencial transpor a divisão entre público e privado para uma habitação do século XXI.

É necessário reinterpretar a habitação mais além do âmbito estritamente privado, potencializando as atividades compartilhadas e comunitárias, sua capacidade de relação e melhora das estruturas urbanas, permitindo levar uma vida completa (trabalho, educação, cultura, ócio, natureza) e evitando a construção meramente numérica de habitações. Sem esquecer que se tem em conta a adequada utilização das tecnologias e dos recursos, incorporando-os integralmente na concepção espacial das habitações³⁷. (MUXI, Zaida e MONTANER, Josep, 2010)

A partir desta afirmação os autores propõem uma reflexão da habitação para além da tradicional ‘família nuclear’, ressaltando a importância de se projetar uma habitação com “respostas de máxima ambiguidade e versatilidade funcional”. A ideia de Muxi e Montaner é uma habitação que combine a enorme variedade de conformações familiares com custos mínimos, tanto econômicos como técnicos. A figura 24, abaixo, demonstra um exemplo de diversidade tipológica.

³⁷ Es necesario reinterpretar la vivienda más allá del ámbito estrictamente privado, potenciando las actividades compartidas y comunitarias, su capacidad de relación y mejora de las estructuras urbanas, permitiendo llevar una vida completa (trabajo, educación, cultura, ocio, naturaleza) y evitando la construcción meramente numérica de viviendas. Sin olvidar que se ha de tener en cuenta la adecuada utilización de las tecnologías y los recursos, incorporándolos integralmente en la concepción espacial de las viviendas. Tradução livre.



Figura 24: Projeto de diversas tipologias de unidades habitacionais para o conjunto habitacional Frauen Werk Stadt I. Fonte: ARQUITETURA E GÊNERO: Três Projetos em Viena.

De acordo com o estudo dos arquitetos a habitação deve se desenvolver através de um módulo mínimo, que iria permitir diferentes disposições de equipamentos, de acordo com a necessidade do usuário. A partir do módulo eles dividem os ambientes em três categorias: especializados, não especializados e complementares, sendo assim definidos:

- Ambientes especializados: aqueles que necessitam de infraestrutura e instalações específicas (como banheiro, cozinha, lavanderia, etc);

- Ambientes não especializados: são os ambientes que não necessitam de infraestrutura e instalações específicas, podendo se adaptar ao uso independente de sua predefinição (quartos, salas de jantar e estar, escritório, etc);
- Ambientes complementares: ambientes que funcionam associados à outros espaços (espaços de armazenagem, ambiente exterior próprio e espaços de apoio).

É importante o estudo dos espaços mínimos necessários para cada função e, caso não haja disponibilidade deste mínimo, prever espaços comunitários onde sejam realizadas tais funções (como cozinhas e lavanderias), deste modo a habitação e suas dinâmicas transitam não apenas dentro do espaço delimitado fisicamente como residência, privado, sendo estas levadas ao seu exterior, em um âmbito semi-público, de uso coletivo de um conjunto habitacional. Portanto, “a casa deve fornecer uma série de benefícios que podem ser resolvidos em diferentes escalas dentro do edifício, privada e comunitária” (MUXI, Zaida e MONTANER, Josep, 2010).

A "moradia básica" é aquela que atende ao conceito de moradia como um germe de núcleo familiar ou coexistência, projetado para abrigar e atender às necessidades de duas pessoas, com o horizonte de poder

modificar sua composição com a incorporação de outra pessoa (descendentes, família ou hóspede) ou que possam incorporar espaços produtivos sem dificultar as próprias tarefas reprodutivas, isto é, uma casa que se adapte a diferentes grupos e necessidades³⁸. (MUXI, Zaida e MONTANER, Josep, 2010)

Abaixo está demonstrada como exemplo um estudo de uma edificação pensada para mulheres vítimas de violência doméstica. O pavimento foi pensado com unidades habitacionais para famílias de um e dois componentes e áreas semi-públicas comunitárias.



Figura 25: Caso de estudo de reconstrução “Salvation Army Catherine Booth House”. Fonte: Adaptado de Building Dignity, WSCADV³⁹

Os arquitetos destacam ainda a necessidade de se entender as relações entre os ambientes da habitação, dentro do espaço privado, de forma a fazer um estudo de relações espaciais que determinem o grau de correlação entre os ambientes. Esses graus, segundo Muxi e Montaner, podem ser divididos em relações imediatas (necessárias ou imprescindíveis), de proximidade ou contiguidade recomendáveis e as possíveis ou menos necessárias. Através deste estudo ficaria mais

³⁸ La “vivienda básica” es la que cumple con la concepción de la vivienda como germen de núcleo familiar o de convivencia, pensada para albergar y satisfacer las necesidades de dos personas, con el horizonte de que pueda modificar su composición con la incorporación de otra persona (descendientes, familiar o invitado) o que pueda incorporar espacios productivos sin entorpecer las tareas reproductivas propias, es decir, una vivienda que se adecúe a diferentes grupos y necesidades. Tradução livre.

³⁹ Disponível em: <<https://buildingdignity.wscadv.org/communal-space/reconnect/>>.

simples entender e espacializar as dinâmicas diárias da unidade habitacional.

É importante entender que tal estudo é útil na realidade do Brasil, mesmo tendo sido feito baseando-se em dinâmicas da sociedade espanhola, se visto como um trabalho que desperta questionamentos sobre a habitação e a forma como ela vem sendo pensada e reproduzida. É fundamental o olhar para tais metodologias como um embasamento mas não como um método fechado.

Assimilando que os autores fazem uma análise de pensamento projetual de uma habitação contemporânea, e entendem como trabalhos ligados ao espaço residencial: a criação dos filhos, a manutenção da unidade habitacional e, possivelmente, o trabalho produtivo (acompanhado da flexibilização do trabalho e o crescimento de profissionais autônomos) é possível questionar se **a consideração dos trabalhos reprodutivo e doméstico como correlacionados ao gênero feminino não seria a reafirmação de uma lógica androcêntrica de olhar o espaço e** de, mais uma vez, **atrelar a figura da mulher ao âmbito privado**. Ao mesmo passo, é fato que as mulheres contemporâneas são majoritariamente as que exercem tais funções e

pensar o espaço a partir da ótica destas mulheres é pensar uma dinâmica habitacional que facilite a execução simultânea de tais tarefas.

O que se pode pensar a partir de tais indagações é que é preciso analisar cada contexto para entender o que seria perspectiva de gênero. Não existe somente uma forma de pensar o espaço para o corpo feminino, pensar uma só perspectiva de gênero seria, tal qual os modelos que vêm sendo reproduzidos, ignorar que cada sujeito, visto pela sociedade como mulher, possui particularidades que são a tradução do que é a sociedade não-homogênea atual. Entretanto é necessário visibilizar a vivência feminina do espaço, inserida em cada contexto diverso e particular, na busca de soluções mais democráticas que não partam de modelos universais, por si só, excludentes. **É importante pensar não só a perspectiva de gênero mas as diversas perspectivas que o gênero mulher possui.**

3. Inter- venções

A partir da conclusão da não aplicação de um método universal que defina perspectiva de gênero a autora buscou entender o que outras estudantes de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense entendem como um projeto com perspectiva de gênero, como mulheres que vivenciam o espaço e também como futuras arquitetas e urbanistas. A escolha deste recorte se deu objetivando questionar se e como a ótica generificada do espaço é vista dentro do âmbito da instituição, levantando reflexões, inclusive, sobre a reprodução de um modelo no ensino da profissão.

Para obter tais informações a autora propôs inicialmente uma exposição de projetos em um mural dentro da Escola de Arquitetura e Urbanismo para livre manifestação das estudantes sobre quais, dos projetos que ali foram expostos, seriam considerados por elas como projetos que atendiam suas necessidades. Ao lado, um espaço para que pudessem expor o que seria entendido como perspectiva de gênero no projeto na ótica delas. Durante o processo, a autora chegou à conclusão que somente a exposição não traria resultados concretos para os questionamentos levantados.

Em um segundo momento foi proposto um formulário online com a finalidade de fazer uma análise não meramente quantitativa mas

principalmente qualitativa que proporcionasse a compreensão do tema perspectiva de gênero partindo da vivência das mulheres, estudantes e ex-estudantes do curso.

Abaixo a autora trata de cada um destes processos detalhadamente.

3.1. Exposição

Na busca por entender a perspectiva feminina sobre a ótica de outras estudantes foi proposta uma exposição de projetos, tanto da escala arquitetônica como da escala urbana, no corredor do edifício conhecido como “casarão da arquitetura”. O local foi escolhido por ser um ponto de passagem e encontro dos estudantes do curso em meio à rotina de aulas.

Inicialmente, foram selecionados onze projetos, de diferentes períodos históricos, levando em consideração os mesmos critérios de determinação dos períodos usados e detalhados no capítulo 1. Além deste, outro critério utilizado para a seleção dos projetos foi se eram ou não considerados com perspectiva de gênero baseado nas características levantadas no capítulo anterior. Após a seleção foram separados em dois grupos. O primeiro se baseou na escolha de projetos que são referências dentro do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFF, e o

segundo, se baseou na seleção de projetos identificados como referências por não seguirem o padrão heteronormativo de se pensar o espaço, rompendo com o modelo imposto através das diferentes perspectivas sobre o corpo feminino.

Cada projeto foi representado por figuras adaptadas pela autora para que não fosse perceptível sua temporalidade. Também não foram exibidos os nomes nem autores de cada projeto, como título apenas a definição de que tipo de edificação se tratava, em busca de evitar pré-julgamentos já concebidos anteriormente. As figuras foram posicionadas em pranchas A4 de forma que cada prancha de um projeto com perspectiva de gênero estivesse posicionada ao lado de outro não idealizado sob esta ótica, através deste método a autora pensou evidenciar os contrapontos de cada solução.

Ao lado das pranchas estava a frase “Dos projetos aí do lado, quais você considera que buscaram atender suas necessidades como mulher? Cole nele!” e junto à ela adesivos que pudessem ser colados sobre as pranchas. Nas duas pontas do painel também havia uma pergunta para chamar a atenção das estudantes “Mulher, isso te representa?”, voltadas cada uma para um lado do corredor. Ao lado das pranchas estava posicionada uma grande folha com a pergunta “Quais

necessidades você, mulher, estudante de arq & urb, considera femininas?” e papéis coloridos junto à uma caneta para que anotassem suas considerações.

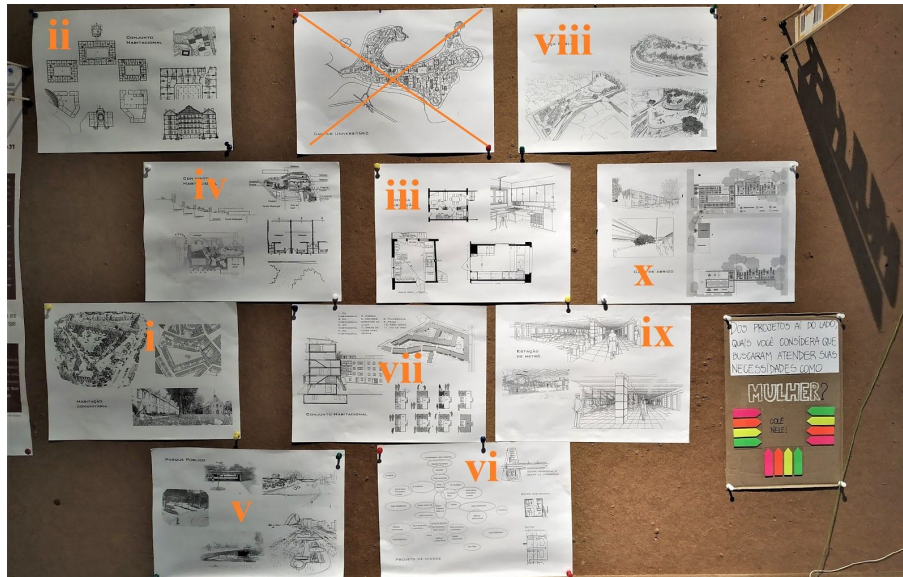


Figura 26: Forma como ficaram dispostos os projetos no mural (a identificação está de acordo com a forma como foram elencados abaixo).



Figura 27: Foto tirada pela autora logo após a montagem a exposição no corredor da EAU - UFF.

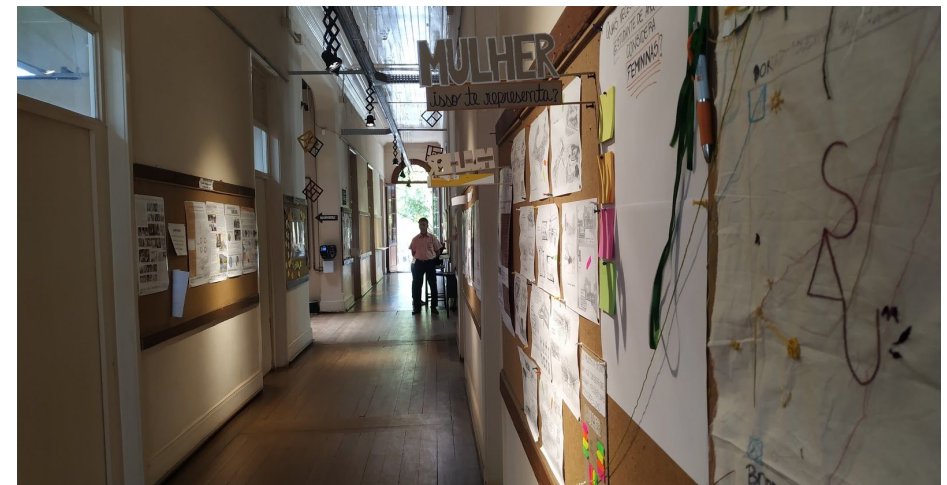


Figura 28: Foto que demonstra como foram posicionadas as perguntas de chamada “mulher, isso te representa?”.

Com a exposição a autora pretendeu gerar provocações e inquietações sobre uma dita perspectiva de gênero entendendo que o próprio fato da instalação questionar sobre o tema talvez levasse à debates e despertasse questionamentos em quem não tivesse se atentado para isto ainda. Através da observação das interações com o mural buscou também refletir melhores direcionamentos para a aplicação do formulário posteriormente. Ao longo da exposição a autora entendeu que um dos projetos expostos, a cidade universitária Fundão, não possuía informações suficientes para sua compreensão, descartando-o e se restringindo à análise dos dez restantes.

No apêndice encontram-se fotos da exposição e seus resultados. A seleção de projetos e sua justificativa está elencada a seguir.

3.1.1. Projetos escolhidos

i) Cidade feudal - cidade das Beguinias - autoplanejamento e construção (sécs. XII a XIII)

As cidades das beguinias, chamadas “cidades dentro das cidades” (MOTA, 2018, p. 72, apud THOCH, 2013, p. 12), como já dito anteriormente, eram espaços de resistência feminina dentro das

cidades feudais, nestes locais as mulheres formavam suas próprias comunidades.

O interessante das cidades das beguinias é a observação da cidade para mulheres pensada por mulheres, já nos primeiros séculos depois de cristo. Para além disso uma comunidade auto suficiente de mulheres que desafia a lógica e os costumes daquele período, numa busca de emancipação e independência feminina (delas mesmas), longe da instituição do casamento, da heterossexualidade e das imposições da igreja. Esta forma de viver refletiu no desenho urbano da cidade criando um grande espaço central que unia todas as residências e favorecia a vida comunitária, além de um só acesso ao interior, permitindo o total controle de entrada e saída daquele local.

A pretensão de colocar as beguinarias dentro da seleção de projetos foi observar se as estudantes enxergam na lógica da cidade uma perspectiva feminina. O objetivo foi entender se esta conformação espacial, de uma comunidade com habitações todas voltadas para dentro dela mesma, é vista como solução para necessidades femininas, considerando questões de proteção e cooperação, ainda que tenha sido idealizada em um contexto histórico distante da contemporaneidade. Ao

contrário do esperado, após a última ida ao local, apenas uma estudante havia entendido o projeto desta forma.

ii) **Familistério de Guise (1859-1880) - Jean-Baptiste André Godin**

O familistério de Guise era um complexo habitacional operário idealizado por Jean Baptiste André Godin em meados do século XIX. A ideia do arquiteto era melhorar as condições de trabalho dos operários aproximando a habitação do local de trabalho e inserindo as funções do dia a dia no mesmo espaço. O familistério ficava, portanto, à distância de uma rua da fábrica.

Para o arquiteto essa nova forma de viver traria benefícios para os moradores que se equivaleriam aos benefícios das classes mais altas. Godin seguia os princípios de Charles Fourier, socialista utópico da época, mencionado anteriormente, que acreditava na vida em comunidade de pessoas que trabalham e vivem juntas, num mesmo edifício, o falanstério, um local onde não haviam hierarquias sociais. Cabe ressaltar que dentro do conceito de hierarquias sociais estava a estruturação da cidade em classes. A subordinação da mulher ao homem não foi efetivamente questionada neste projeto.

A escolha do projeto foi uma busca em trazer referências de formas de habitar mais antigas e que já representavam em si um conceito facilitador da realização das atividades cotidianas, atividades estas delegadas às mulheres. O familistério, apesar de não ser pensado de uma perspectiva da mulher, buscou uma utopia urbana e foi um dos primeiros conjuntos a unir as funções de habitação, trabalho, educação, produção da alimentação e lazer. Este também considerou entre as famílias aquelas constituídas por mulheres solteiras não sendo estas subjugadas por não possuírem um “chefe de família” masculino.

Dentro do terreno de seis hectares estavam localizados equipamentos comunitários tais quais, creche, uma granja, estábulos, horta, escola, teatro, lavanderia e piscina, além da própria fábrica onde trabalhavam os moradores. As distâncias entre as edificações eram todas caminháveis reduzindo o tempo gasto com deslocamento para realização de funções diárias.

Além disso, cada edifício residencial - existiam três, interligados por corredores - foi construído como um retângulo. As habitações estavam localizadas no perímetro e no centro havia um pátio interno com cobertura translúcida para o qual davam os acessos e parte das janelas de todas as residências, o que facilitava a vigilância e controle

das crianças (e da vida alheia) além do fornecimento de um espaço seguro para o lazer dos pequenos. A planta das edificações era adaptável e se adequava ao tamanho e necessidades de cada família.

Apesar de aparentemente positivo o familistério usava o fato da vida e vigilância comunitária para manter os chamados “bons costumes” e padrões sociais da época, que eram (e ainda são) extremamente opressivos contra a existência e liberdade feminina. A desobediência aos costumes e padrões eram julgados e poderiam gerar multas ou até expulsões.

A escolha do projeto se deu devido ao fato deste buscar facilitar as dinâmicas das rotinas cotidianas de trabalho doméstico, cuidado com os filhos e o trabalho remunerado. É interessante que esteja presente dentre as escolhas um projeto que pense nesta realidade porém não necessariamente com a perspectiva do corpo da mulher mas sim das dinâmicas familiares e de liberação do tempo do operário para produzir, seja ele um sujeito feminino ou masculino. A utopia apresentava um questionamento aos padrões culturais da forma de viver naquele momento. Ainda que facilitador da rotina diária, apenas quatro estudantes se manifestaram sobre considerá-lo atender à necessidade femininas.

iii) Cozinha de Frankfurt - Margarete Schutte-Lihotzky (1920)

O projeto da cozinha de Frankfurt, já mencionado anteriormente, foi concebido no período pós primeira guerra mundial em que estava em voga a lógica da funcionalidade extrema do espaço. Num momento em que a mulher de classe média estava sendo inserida no mercado de trabalho e acumulava as funções de cuidados com a casa, os filhos e o expediente na fábrica.

Margarete Schutte projetou, então, uma cozinha voltada para a mulher operária que buscou a redução de tempo nas preparações de alimentos e até o acúmulo de funções de serviço para além destas. O desenho minimizou o espaço do ambiente para o “apenas excencial” e sua lógica era comparada à lógica de produção fabril. Apesar de pensada para o corpo feminino, a cozinha de Frankfurt acabou reduzindo o bem-estar feminino no espaço.

A escolha deste projeto buscou apreender se, de fato, as atividades domésticas, neste caso explícitas na funcionalidade da cozinha, são lidas pelas próprias mulheres como experiências do corpo feminino. Cinco estudantes consideraram que o projeto atende suas necessidades como mulher.

iv) Projeto do Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho) (1947) - Carmen Portinho e Affonso Eduardo Reidy

O conjunto habitacional, foi pensado para a então capital brasileira, Rio de Janeiro, em um bairro operário. Foi considerado inovador por soluções que buscavam a interação comunitária e a melhoria da vida da mulher, como mencionado anteriormente.

Dentro da área que compreende o conjunto foram inseridos equipamentos públicos que facilitaram a rotina das residentes evitando grandes deslocamentos. Além da inserção destes equipamentos o cone de visão dos apartamentos dos blocos residenciais - em especial o Bloco A - permite que as mães consigam observar a circulação dos filhos até a escola e na área comum próxima aos edifícios. Outro ponto positivo é que não há circulação de veículos automotivos dentro do terreno, criando um ambiente mais seguro para crianças e seu lazer.

No projeto, Camen Portinho idealizou uma lavanderia comunitária e mecanizada, pretendendo a engenheira aliviar a carga de trabalho doméstico realizada pelas mulheres, com a garantia do equipamento mecânico de lavagem de roupas. Mesmo partindo de uma iniciativa que considera as necessidades femininas a solução acabou

não sendo totalmente aceita pelos moradores, que improvisaram lavanderias dentro das próprias residências.

O projeto foi considerado relevante por debater a lógica de uma vivência feminina, ligada às tarefas de manutenção do lar e cuidado com os filhos sendo importante para observar se estes são lidos como trabalhos femininos pelas estudantes. Só houve uma manifestação acerca deste projeto.

v) Aterro do Flamengo (1954 - 1959) - Lotta de Macedo Soares (idealizadora) Affonso Eduardo Reidy (projeto urbano e arquitetônico) e Burle Marx (projeto paisagístico)

O parque do Flamengo foi escolhido por ser um equipamento público projetado para uso de toda a população e por ser usado como grande referência paisagística dentro das universidades de arquitetura e urbanismo atualmente. Foi escolhido num intuito de questionar as referências principais utilizadas no ensino da profissão no intuito de ressaltar que mesmo nas grandes referências a experiência feminina é invisibilizada.

O Parque foi projetado em um contexto de alta especulação imobiliária da Zona Sul do Rio de Janeiro e idealizado para funcionar

como um eixo de ligação da Zona Sul com o Centro da Cidade para além de uma área de lazer com diferentes usos. O espaço porém, é margeado por duas pistas de automóveis rápidas que não possuem paradas de ônibus e são prioritariamente usadas por veículos de transporte individual ou transportes coletivos que não possuem paradas no local. Para acessar a área é preciso atravessar as vias rápidas, para isto foram construídas passarelas de acesso que ora são elevadas sobre a pista, ora subterrâneas. Mesmo que largas e com grandes quadrados de iluminação os acessos ao parque são locais que expõem o corpo da mulher. Tanto de dia quanto a noite esses espaços são mais escuros e escondidos aos olhos da rua - especificamente as passarelas subterrâneas. Não são raros os casos de violência dentro desses “túneis”.

Para além disso a arborização foi pensada de forma densa, o que de fato traz conforto térmico nos dias quentes do Rio de Janeiro, entretanto servem como barreiras que tornam a parte interna do parque menos visível e não permitem que os postes de iluminação do Parque, localizados acima das copas, atinjam as calçadas. Somente quem circula por entre os caminhos consegue ter a visualização do espaço. Se for considerado ainda que a vegetação acompanha o caminho feito para

os pedestres e este é bastante sinuoso, somente quem estiver no trecho entre uma curva e outra consegue se enxergar.

Este projeto foi inserido na exposição com a intenção de questionar a segurança do corpo feminino no espaço público, evidenciando um desenho do espacial que propõe inúmeros locais não visíveis. Duas estudantes consideraram ser este um projeto que se adequa às suas necessidades.

vi) **Plano Piloto de Brasília (1957) - Lucio Costa**

O plano piloto de Brasília, do arquiteto Lúcio Costa, foi inserido na lista de projetos por ser um projeto de cidade modernista referência na história do urbanismo.

O projeto para a nova capital do Brasil idealizou uma cidade dividida por funções (zoneamento funcional), rodoviarista e que estimula o uso do transporte individual, pouco convidativa às pedestres. Para além das críticas já citadas a cidade projetada expõe o corpo da mulher. São frequentes os casos de estupro de mulheres que circulam no Plano Piloto de Brasília - ver anexo 1. As superquadras projetadas pelo arquiteto urbanista, são exaustivas para a caminhada e acabam induzindo o pedestre a cortar caminho pelos vãos das edificações,

locais que estão fora do campo de visão de quem circula pela área, que acabam se tornando inseguros e propícios à abordagem.

A escolha deste projeto se deu ao fato de ser uma idealização de cidade que, no ponto de vista da autora, ignora por completo a vivência da mulher no espaço. A ideia de colocá-lo na exposição é perceber se as estudantes também entendem a cidade, principalmente o conceito de setorização por funcionalidade, como hostil a seus corpos.

Curiosamente este foi o segundo projeto que mais teve manifestações sobre considerá-lo atendendo às necessidades das estudantes como mulheres.

vii) Frauen Werk Stadt I (1997) - Franziska Ullmann

O Frauen Werk Stadt I, citado anteriormente, foi um projeto idealizado por mulheres para mulheres trabalhadoras. Este foi um dos primeiros projetos pensados na perspectiva de gênero e dada sua importância foi um dos selecionados para a dinâmica. A ideia é constatar se as estudantes enxergam nas soluções uma ótica facilitadora da vida da mulher.

O projeto é a união da proposta de Franziska Ullmann, vencedora, com as soluções de mais quatro arquitetas, Maria Aubock

com seu plano paisagístico e Gisela Podreka, Elsa Prochazka e Liselotte Peretti na realização dos edifícios individuais.

A proposta de Franziska criava um eixo principal de circulação no terreno que o cortava de Sul a Norte onde estão localizados os acessos, fazendo a rota caminhável ao ponto de transporte público. Inseridos nessa rota principal se encontravam equipamentos comunitários como a creche, espaços de lazer das crianças e outras atividades, gerando um eixo de encontro e visibilidade. A disposição da creche na rota de saída para o transporte público foi pensada para facilitar o deslocamento das mães, que ao caminharem para trabalhar deixam seus filhos na creche.

Nas laterais do terreno possui uma área mais reservada para crianças menores, este espaço é visível das janelas dos edifícios habitacionais e proporciona liberdade para a mãe vigiar a criança enquanto exerce outras tarefas. As janelas e sacadas alternadas entre as fachadas internas e externas reforçam a ideia do controle visual que aumenta a sensação de segurança do espaço. As plantas dos apartamentos foram projetadas em alternância, com as cozinhas ora voltadas para o interior ora para o exterior de forma a evitar que as

fachadas se dividissem em noturnas e diurnas, o que gera movimento nas fachadas durante todos os horários.

As tipologias das unidades habitacionais são diversas, foram pensadas plantas de quatro ambientes que poderiam se converter em dormitórios ou não se adequando a grande variedade de formações familiares. Em geral, a cozinha é central e conectada a outros ambientes, permitindo à mulher o controle visual de seus filhos enquanto realiza outros trabalhos domésticos.

Tanto quanto o Projeto Piloto de Brasília foi uma surpresa, o FWS I não obteve sequer uma manifestação sobre consideração de atender à necessidades femininas.

viii) Eleftheria Square (2005) - Zaha Hadid architects

A Escolha do projeto da arquiteta Zaha Hadid se deu pela grande relevância internacional que ganhou seu trabalho e por ser difundida como uma das grandes referências da arquitetura contemporânea. Ganhadora do prêmio Pritzker, referência de atuação na arquitetura e uma das poucas referências femininas frequentemente citadas nos cursos de graduação, a arquiteta era reconhecida como feminista, apesar de negar o título durante um período.

A ideia da escolha foi questionar as referências que são usadas dentro dos cursos e que são repercutidas como exemplos de boa arquitetura e, ainda que sejam lidas como feministas, ignorem a perspectiva e as necessidades da mulher no desenvolvimento do projeto urbano.

O projeto da praça invisibiliza a experimentação da mulher do espaço quando propõe grandes vazios de caminhada sem áreas de descanso com mobiliário que permita tanto a amamentação, como paradas de descanso para mulheres em atividade cotidiana de ida ao mercado ou caminhadas com crianças de colo. Para além dos espaços de descanso o projeto da praça possui pouca iluminação o que torna o espaço predominantemente escuro no período noturno. A arborização disposta de forma intensa em um dos acessos ao local também acaba o transformando em um espaço menos visível diminuindo a sensação de segurança das pedestres e facilitando a abordagem de agressores.

O projeto é relevante para a consideração de que espaço público é visto como seguro para as estudantes sobre a ótica de seu próprio corpo. Foram três as manifestações positivas à este desenho.

ix) Projeto de Metrô da Catalunha - Ana Bofill (2006)

O projeto do metrô da Catalunha está entre os escolhidos para a dinâmica pelo fato de representar o projeto para um modal de grande circulação pública e que frequentemente possui casos de violência sexual, um espaço hostil para a mulher. As estações de metrô, em geral subterrâneas, costumam ser escuras, possuem vários espaços pouco visíveis e em horários de pico se encontram com uma alta concentração de pessoas, o que facilita ao agressor a cometer assédios sem ser facilmente visto ou identificado.

O projeto de Ana Bofill, arquiteta feminista que possui uma perspectiva de gênero crítica à forma heteronormativa como vêm se reproduzindo o modo de pensar do arquitetx urbanistx, analisa o espaço hostil e busca minimizar as áreas invisíveis da estação através do uso de materiais translúcidos. O aumento das áreas visíveis reflete em um aumento na sensação de segurança das mulheres ao mesmo tempo em que desestimula o agressor que pretende anonimato.

O intuito da inserção do projeto na exposição é verificar se as modificações espaciais propostas pela arquiteta dentro do metrô são entendidas pelas estudantes como uma transformação que provoca um espaço com maior sensação de segurança para o público feminino, a

partir da redução de espaços invisíveis. O projeto ficou com quatro adesivos, próximo à outros com números medianos.

x) Casa abrigo em Curitiba para mulheres vítimas de violência doméstica - Aloisio Formighieri Junior (2015)

A casa abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica foi um trabalho final de graduação realizado pelo estudante Aloisio Formighieri na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, no curso de bacharelado em arquitetura e urbanismo.

O estudante chegou à diretrizes de ante projeto para adequação de uma casa de acolhimento para vítimas de violência doméstica em Curitiba. Todo o projeto foi pensado na perspectiva da mulher de trabalho doméstico e trabalho reprodutivo, buscando a facilitação de tais atividades através de soluções como áreas que estimulem a cooperação.

O projeto foi escolhido por atender à soluções que são atribuídas à vivência do espaço pelas mulheres, relativas aos trabalhos doméstico e reprodutivo, com o intuito de entender se as estudantes leem essas soluções como uma perspectiva de gênero do projeto. Este foi o projeto

mais visto, na ótica das estudantes, como atendendo à necessidades de seus corpos. Doze foram as mulheres que colocaram o adesivo nele.

3.1.2. Interações com a exposição

Poucas foram as manifestações sobre o questionamento de quais seriam as necessidades femininas no espaço, na ótica das estudantes. Foram quatro itens apontados, dois falavam sobre segurança para as mulheres e um terceiro tratava de iluminação pública, que também trata de uma ótica sobre a segurança do espaço. O quarto item levantado foi a colocação de ducha no banheiro feminino.

Já na intervenção sobre os projetos, as três pranchas que mais tinham adesivos colados, foram a Casa de abrigo para mulheres, o Plano Piloto de Brasília e a Cozinha de Frankfurt. Resultados curiosos principalmente pelo fato do projeto do Plano Piloto de Brasília ter sido interpretado pela autora, baseada nas teorias sobre perspectiva de gênero, como um desenho que desconsiderou por completo a vivência da mulher. Entretanto, a exposição aqui, funciona mais como uma provocação imposta no espaço, que gere reflexões e desperte para o tema, do que a busca por uma conclusão efetiva. As fotos da exposição após a interação das estudantes estão no apêndice do trabalho.

3.2. Formulário

Buscando compreender, sobre outros pontos de vista, a perspectiva de gênero de forma qualitativa e considerando a individualidade de cada sujeita elaborei um formulário que buscava a aproximação dos questionamentos que faço no presente trabalho e a forma como outras mulheres, estudantes e ex-estudantes de arquitetura e urbanismo da UFF, enxergam suas necessidades espacializadas. Devido ao período de tempo disponível para a finalização da pesquisa, embora considerasse importante uma conversa presente entre estudantes, foi elaborado um formulário, disponibilizado pela internet, para tornar o processo mais ágil.

A partir deste momento passo a falar do processo de pesquisa em primeira pessoa, entendendo que não me incluo aqui como mera pesquisadora, distanciada da realidade da qual as estudantes e ex-estudantes que participaram da pesquisa se inserem. A análise partindo de um local do qual me reconheço e sou reconhecida procura estabelecer uma posição não hierárquica, entre quem contribui com informações e a autora, e acrescentar também minha vivência como motivação de análise.

Cabe falar também que não pretendo, com a análise das respostas, formular uma hipótese com caráter conclusivo e sim analisar sujeitas entendendo que cada uma, apesar de pertencerem ao grupo de estudantes de arquitetura e urbanismo da UFF, possui sua identidade. Desta forma, pretendo minimizar a anulação das várias diversidades existentes dentro da categoria de análise gênero mulher.

O formulário foi estruturado basicamente em três setores. No primeiro busquei a identificação de quem respondia, tendo como pergunta corte se a pessoa era ou tinha sido estudante da EAU - UFF. A partir disto intento traçar o perfil⁴⁰ da participante primeiramente quanto ao seu gênero, sendo esta uma pergunta subjetiva, pretendendo entender se as estudantes se veem para além da binaridade sexual imposta. Em seguida considere importante identificar há quanto tempo a participante está na Universidade, entendendo que talvez exista uma relação entre tempo dentro do curso e despertar para o tema. Acrescento também se a estudante chegou a observar a exposição feita no corredor da Escola, entendendo ser importante tal pergunta para perceber, de

⁴⁰ Ressalto aqui que, após iniciar as análises do material, entendi que talvez a inserção de perguntas acerca de maternidade e sobre a realização por parte das estudantes de trabalhos domésticos resultassem em análises ainda mais aprofundadas, correlacionando o olhar sobre o espaço com a vivência como mãe e/ou realização de tarefas domésticas.

maneira geral, se existe uma correlação entre a exposição e uma motivação de reflexão sobre o objeto.

No segundo setor, pretendo entender o que é perspectiva de gênero para elas e no terceiro, intento coletar dados que digam um pouco da experiência de nós, estudantes, como mulheres dentro do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFF na prática de exercícios projetuais.

Com o formulário objetivo a análise de três pontos principais:

- O que é considerado como necessidade feminina;
- Possíveis soluções espaciais para tais necessidades;
- Se o curso de Arquitetura e Urbanismo da UFF agrega ou permite questionamentos sobre gênero no processo projetual.

O formulário foi divulgado dentro do grupo do Diretório Acadêmico de Arquitetura (DACA) na plataforma *facebook* e também em grupos de mulheres da arquitetura dentro do aplicativo de troca de mensagens *whatsapp*. Também conversei com amigas próximas para que compartilhassem com outras estudantes próximas à elas dentro da EAU-UFF.

3.2.1. Análise do perfil da participante e abordagem qualitativa dos formulários

Encerrei a coleta de respostas com um total de vinte e um formulários dos quais 17 participantes são estudantes e 4 já formadas. Quase todas se definiram como gênero feminino ou mulher, à exceção de uma que se definiu como gênero “não-binário”. Dez das estudantes já se encontram no oitavo período ou acima deste, 7 do sexto período para baixo.

Para a análise das respostas subjetivas foram selecionados três formulários considerados com respostas mais significativas das estudantes sobre sua própria experiência e, portanto, podendo acrescentar mais à análise do trabalho. Não pretendo aqui, julgar as respostas como certas ou erradas mas sim entendê-las como acúmulo para o que é assimilado como perspectiva de gênero sob nossa ótica e o quanto inserimos reflexões sobre nosso próprio corpo na prática de projeto.

Tenho como método norteador da análise a pesquisa realizada por Grada Kilomba em seu livro “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano”⁴¹ (descrita entre as pgs 80 e 92). Como título de

⁴¹ KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

cada formulário escolhido de análise detalhada pontuo primeiramente com as palavras da participante o que foi levantado como perspectiva de gênero no projeto, acrescentando depois uma abordagem teórica baseada nos conceitos levantados no capítulo 2.

Como não coletei informações sobre o nome das participantes e em busca de uma análise não impessoal optei por nomear cada entrevistada com nomes comuns à realidade brasileira.

- **Tarefas compartilhadas. O questionamento do papel social feminino no âmbito privado.**

Ana se identifica com o gênero feminino, é estudante da EAU - UFF e está cursando seu décimo quarto período. Ela viu a exposição realizada no mural da Escola antes de responder ao formulário.

Ana pontuou questões interessantes ao dizer quais são as necessidades femininas nos espaços público e privado para ela: “No espaço público ambientes de segurança e no espaço privado acredito que as **mesmas divisões de tarefa e espaço para homens e mulheres**”. A estudante levantou o questionamento sobre o papel social ao qual estamos inseridas, entendendo que as necessidades femininas que se restringem ao ambiente privado dissertam mais sobre uma busca do entendimento de que as tarefas designadas ao espaço privado,

majoritariamente trabalho reprodutivo e doméstico, devem ser compartilhadas. Para ela pensar perspectiva de gênero no projeto seria “um projeto que **englobe também a mulher e suas diferenças**”, pontuando que considera diferenças de realidades entre homens e mulheres e portanto o projeto pensado sobre a ótica feminina possui características para além das usualmente previstas.

Citou que sua maior referência projetual é Lina Bo Bardi e que a conheceu através dos professores da EAU. A arquiteta modernista é um dos poucos nomes femininos recorrentes nas referências projetuais acrescentadas por professores ao longo do curso. Respondeu também que em seu processo projetual, levanta questões em consideração às necessidades específicas do corpo feminino e da sua vivência como mulher e já propôs uma solução que buscava atender necessidades femininas se tratando de **ambientes mais iluminados**, corroborando com a crítica ao projeto de Zaha Hadid, para Eleftheria Square, e aos equipamentos inadequados à iluminação do Parque do Flamengo.

Ana pontuou questões sobre perspectiva de gênero que levem em consideração a segurança da mulher no espaço público principalmente. Como já tratado aqui, as experiências de homens e mulheres no espaço são diferentes, onde o próprio corpo feminino

circulando é uma afronta à estrutura social imposta. Em nenhum momento pontuou sobre tarefas reprodutivas nos levando a entender que quando reflete sobre necessidade do próprio corpo no espaço não vê tais funções inerentes à sua realidade como mulher.

- **Espaços de pertencimento, representação e representatividade feminina. O não-generalismo do espaço.**

Juliana é também estudante, se considera do gênero feminino, cursa seu décimo segundo período na EAU. A estudante também teve contato com a exposição antes da realização do questionário.

Para Juliana são necessidades femininas “espaços com **representações e representatividade feminina**. Espaços que nos façam sentir além de **seguras, pertencentes**”. Ela ressalta a importância de “perceber como discursos hegemônicos estão enraizados até em como projetamos, e abandoná-los”. Juliana trata da não generalização do sujeito, que é na verdade uma generalização em prol de um sujeito específico, homem-branco-hétero. Ela acrescenta que pensar perspectiva de gênero no projeto seria “**pensar, como mulher, nos relacionamos com espaço**, da esfera sensível a esfera prática”. É interessante identificar que a estudante se inclui como sujeito quando fala sobre o olhar para o espaço, acrescentando sua

própria vivência à forma de analisar, levando à reafirmar que não somos sujeitas propositoras de intervenções no espaço independentemente das nossas próprias vivências, mas sim mulheres, atuantes e habitantes sobre o e no espaço.

É interessante observar também que Juliana diz levantar questões em consideração às necessidades do corpo feminino em seu processo projetual, entretanto, não chegou à proposição em nenhum exercício projetual, justificando tal fato ressaltando que “dentro da escola estamos acostumados a pensar no espaço a partir da perspectiva de gênero, **como se todos nós (nos) relacionássemos de forma igual no espaço**” e ainda pontua que “sempre quando tentávamos olhar por essa perspectiva dentro do processo projetual acabávamos desconsiderando a ideia, como se fosse algo a mais, e não algo enraizado na concepção do projeto”. A estudante levanta então um questionamento importante sobre como a categoria de análise gênero é, em geral, vista como um item a mais dentro da concepção projetual, não sendo considerada muitas vezes como necessária.

As considerações feitas por Juliana se comunicam diretamente com a segunda linha estratégica pontuada pelo Collectiu Punt 6. Trata

do entorno visível, que abarca não só soluções espaciais, mas também da visibilização da mulher perante a sociedade e como agente social.

- **Visibilidade e variedade de público. Espaços visíveis e diversos.**

Jéssica é estudante do sexto período e se identifica com o gênero feminino. Teve contato com a exposição antes do desenvolvimento do questionário.

Para Jéssica as necessidades femininas nos espaços públicos tratam sobre “**visibilidade e variedade de público**” que podem ser vistos como lugares vigiados por quem circula, ver e ser vista, dentro do conceito de “olhos que vigiam” de Jacobs, e também da diversidade de sujeitas (os) naquele local. Jéssica cita posteriormente o fato específico da idade, sobre a diversidade de público, mas acrescento aqui também acessibilidade, gênero, raça, classe social, sexualidade e qualquer outra variante que apareça na análise dos sujeitos que circulam pelo espaço. É importante destacar que a conclusão da estudante parte de sua própria experiência como mulher “Me sinto mais segura num local que não seja um "ponto cego" e que haja variedade de frequentadores (apesar de não ter filhos, um bar que tenha “espaço kids”, por exemplo, me deixa mais confortável do que um bar que não

possa receber crianças)” e dentro desta ótica ela insere uma perspectiva sobre o cuidado com as crianças mas que não necessariamente está vinculada à figura feminina.

A estudante pontua itens chave do projeto Fraeun Werk Stadt I, que trata da interação diversa de pessoas dentro do ambiente do conjunto habitacional e também ressalta a necessidade de espaços visíveis, através da solução de fachadas ativas tanto no período noturno como diurno, voltadas para diferentes orientações, além dos paços comunitários dispostos ao longo do terreno que estimulam uma rota caminhável dentro de um eixo de movimento de pessoas.

As considerações de Jéssica também levam a pensar no Projeto do Metrô da Catalunha de Ana Bofill que procurou minimizar exatamente estes espaços que anteriormente eram “pontos cegos”.

Perspectiva de gênero no projeto, para Jéssica, se traduz em “**ter a sensibilidade de adequar**, naturalmente, **o projeto ao público feminino**, uma vez que **o homem adulto parece ser sempre o usuário óbvio** e os outros grupos (mulheres, idosos e crianças) são uma exceção, um segundo plano”. A estudante trata da busca pela não invisibilização da nossa vivência no espaço, através da tradução de

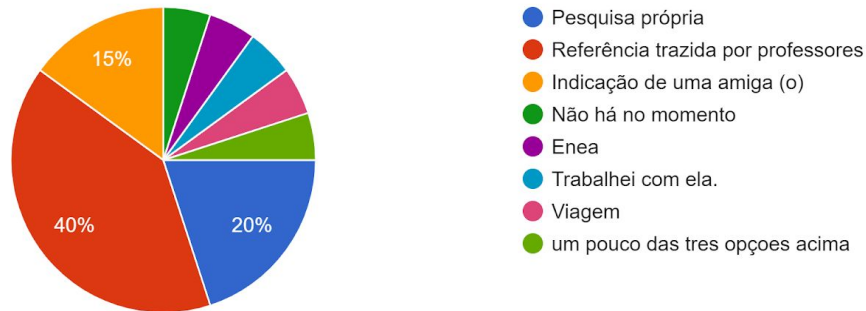
soluções para um sujeito dito “óbvio” que esconde as diversidades várias daquele lugar.

Ela conclui dizendo que nunca levantou questões relacionadas ao corpo feminino em seu processo projetual, portanto, nunca propôs tais soluções em nenhum exercício. A estudante justifica o fato dizendo que tais questões não eram levantadas dentro do contexto do curso e também não haviam sido despertadas por ela própria: “nunca tive referências, nunca tive esse "exercício" proposto por professores, **nunca me ocorreu de projetar pela perspectiva de gênero**”.

3.2.2. Referências femininas dentro do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFF

Após a análise dos formulários existe também um importante ponto de questionamento comum à eles a se considerar. Ao serem questionadas sobre referências projetuais de profissionais mulheres e como as conheceram 60% das estudantes disseram ter conhecido por outro método que não a referência trazida por professores. Como mostra o gráfico a seguir.

Com relação à pergunta anterior, caso hajam referências femininas, como você as conheceu?



Mesmo que as referências femininas trazidas por professores sejam menos da metade das formas como as participantes vieram a conhecê-las, o número se mostra significativo sendo a opção com a qual a maior parte das participantes veio a conhecer a profissional de referência.

Quando correlacionados os dados de cada formulário sobre forma com que conheceu a profissional e qual era a profissional citada, Lina Bo Bardi apareceu em 75% das respostas, sendo que uma das respostas sobre os profissionais de referência foi respondida como “modernismo brasileiro” que poderia incluir a arquiteta. Além de Lina

apareceram como referência trazida por professores também Ermínia Maricato, Raquel Rolnik, Carla Juaçaba e Tatiana Bilbao.

Além deste fato, das oito estudantes que disseram que nunca haviam proposto soluções sobre a perspectiva feminina em exercícios projetuais, cinco relacionaram o fato à forma como é o ensino dentro da Escola de Arquitetura e Urbanismo na UFF, pontuando fatores como: falta de informações sobre o tema; nunca haver tido questionamento de professores e estudantes sobre tal consideração; por considerar que, dentro de todos os questionamentos a serem levantados no exercício projetual, a categoria de gênero não é fundamental, quando posta junto à realidade de prazos para entregas, que induz a dar preferência a sujeitos generalistas; e por último a falta de referências.

O levantamento de tais dados se fez significativo sabendo que a invisibilização do corpo feminino no espaço perpassa também pela forma como são pensados estes locais e o ensino do curso tem parte significativa na formação do pensamento do profissional. Além da invisibilização da atuação da profissional mulher. Mesmo que seja possível notar que nem todas as arquitetas urbanistas mulheres colocam em pauta questões de gênero, possuir representatividade dentro do campo é essencial para que se trace um caminho em direção ao

reconhecimento da mulher como sujeito no espaço, já que ninguém melhor para reconhecer e tratar sobre nossas experiências na cidade do que nós, mulheres.

O conhecimento de profissionais da área de arquitetura e urbanismo através de referências trazidas por professores é a principal forma pela qual as estudantes da EAU - UFF descobrem seus trabalhos. Seria importante, então, que os professores trouxessem mais referências femininas, que fossem além das já tradicionalmente conhecidas e que também transponham o movimento moderno para uma arquitetura menos mecânica, mais interessada nos sujeitos e preocupada com a diversidade.

3.2.3. Levantamento de questionamentos expostos pelas estudantes e ex-estudantes no formulário

Procuro neste item levantar todos os questionamentos colocados pelas participantes durante a aplicação do formulário, buscando transformar em diretrizes gerais o que nós, como atuantes/estudantes da profissão de arquitetura e urbanismo, consideramos perspectiva de gênero no exercício projetual. Levantarei primeiramente as questões relativas às necessidades ditas femininas e posteriormente tratarei especificamente do entendimento de perspectiva de gênero.

As principais questões citadas pelas participantes sobre as necessidades femininas nos espaços público e privado foram: segurança, conforto, acolhimento, cuidados com filhos, divisão de tarefas, liberdade de ir e vir, mudanças estruturais, pertencimento, representação e representatividade. Pude observar que, para o contexto das mulheres estudantes e ex estudantes da EAU - UFF o autorreconhecimento como mulher não passa necessariamente pelos trabalhos doméstico e de reprodução, sendo a principal necessidade, presente em quase todas as respostas, a segurança.

Abaixo está apresentado um diagrama de necessidades entendidas pelas participantes como femininas. Separei as necessidades em três categorias segurança (variações de vermelho), necessidades para mulheres com filhos (variações de verde) e outras (variações de amarelo). Os círculos estão proporcionais ao número de vezes que a palavra apareceu nos formulários.



Não muito diferente disto, estão as questões levantadas sobre o que seria uma perspectiva de gênero no exercício projetual. De maneira geral todos os questionamentos passam pelo “**desenvolvimento de espaços pensando na necessidade atual da mulher na sociedade**” e o reconhecimento de “**que o planejamento tem negligenciado as mulheres como usuárias dos espaços e parte dos espaços comuns**”

ressaltando a falta de “**políticas públicas que considerem a mulher e sua especificidade de deslocamentos, de seus trabalhos, de sua rotina**” (falas das participantes). A partir das respostas aos formulários elaborei diretrizes sobre o que seria um espaço projetado com perspectiva de gênero na visão das estudantes e ex estudantes da EAU-UFF, são elas:

- dar maior espaço para projeto de arquitetas na academia;
- pensar necessidades específicas de cada gênero;
- evitar a vulnerabilização da mulher nos espaços (evitar pontos de ônibus, sanitários em locais isolados, por exemplo);
- espaços que impulsionem a apropriação;
- participação coletiva no projeto;
- qualidade ambiental;
- espaços que abarquem uma vida cíclica;
- espaços visíveis (principalmente bem iluminados, fachadas ativas);
- espaços com diversidade de público e fluxo intenso;
- espaços que atendam sujeitos diversos (de acordo com idade, gênero, classe social, cor da pele, sexualidade, entre outros);
- inserção de comércio nos espaços urbanos.

Conclusão

Historicamente a forma de pensar o espaço se baseou numa experiência específica de um corpo dito neutro, porém com sexo, cor e classe social. O homem-branco-hétero-de-classe-média norteou e norteia as lógicas e técnicas de análise dos espaços. A reprodução de um modelo projetual invisibiliza e anula as necessidades diversas existentes na cidade e suas diferentes dinâmicas.

Dentro deste contexto a mulher, lida pela sociedade através do gênero feminino, leva consigo todos os papéis socialmente impostos ao gênero. O trabalho de reprodução e geração de seres humanos é ainda majoritariamente delegado ao corpo feminino, assim como toda função relativa ao trabalho doméstico. Neste cenário, ela acumula trabalhos reprodutivo, doméstico e produtivo necessitando se desdobrar para realizar diferentes funções simultaneamente. Além do acúmulo de trabalhos, o simples fato do corpo feminino estar em movimento pela cidade o faz ser visto como um bem disponível para ser apropriado (pelo corpo masculino) revelando resistências diárias só por estar se deslocando. Tais fatos são ignorados pela forma como, observamos estudamos e produzimos o espaço urbano.

Deste contexto surgiram estudos sobre a análise deste espaço a partir de uma perspectiva do corpo da mulher. Os estudos tratam principalmente de uma ótica sobre espaços seguros e adequados para a realização de diferentes funções no dia-a-dia, muito associadas aos trabalhos reprodutivos e domésticos. Deste ponto surgiram meus questionamentos sobre a forma de se pensar a perspectiva feminina no projeto. Será que existe só uma forma de se pensar a perspectiva de gênero? É a mulher um sujeito único? Tratar perspectiva de gênero como resolução de espaços voltados para tarefas domésticas e de reprodução não seria reafirmar o mesmo olhar que foi construído socialmente determinando o papel feminino?

O estudo sobre perspectiva de gênero nos leva a pensar sobre o fato de não existir uma forma correta de se pensar o espaço generificado. Precisamos considerar sempre os sujeitos existentes em cada local, suas necessidades, suas diversidades, o entorno onde está inserido. A mulher não é um ser único, de necessidades comuns, nem muito menos reduzidas à esfera do cuidado com filhos e casa. Entretanto é importante considerar que atualmente a mulher é em grande maioria quem está no dia-a-dia desenvolvendo tais funções. Transpor o binarismo que classifica os corpos de acordo com

determinantes sociais perpassa também por este reconhecimento. Levando em consideração este fato, é essencial que passemos a observar o espaço a partir das necessidades do nosso corpo, feminino. Pensar em uma cidade projetada para a segurança e dinâmicas da rotina das mulheres contemporâneas é, por si só, pensar uma cidade melhor.

Precisamos, também, nos atentar para a forma como a arquitetura e urbanismo está sendo ensinada nas Universidades. Apesar de um curso majoritariamente feminino, a reprodução da forma de se pensar projeto insiste em invisibilizar a experiência feminina do espaço mesmo quando as autoras do projeto são mulheres. Reconhecer nossa identidade, nossa vivência e nosso corpo em movimento se mostra fundamental para que a forma como pensamos os espaços passem a considerar nossa existência.

Para além do dito, esclareço que a mudança de perspectiva ao longo do trabalho de uma escrita em terceira pessoa para uma outra em primeira pessoa não foi mero erro metodológico. Tal mudança faz parte do meu processo de construção e amadurecimento sobre o tema. Passar de uma perspectiva de um lugar supostamente neutro de pesquisa, imparcial, à minha própria inclusão como sujeito da pesquisa foi entender que estava, mais uma vez, a reproduzir uma forma

pré-determinada de metodologia, na qual por padrão, o autor não deveria se incluir no objeto de estudo garantindo uma pretensa imparcialidade e neutralidade e um resultado em tese mais próximo do “real”. Esclareço então que, a partir do desenvolvimento da pesquisa, entendi que o objetivo do trabalho era exatamente compreender que esta neutralidade serve à um sujeito específico, e o meu reconhecimento como mulher, inserida numa sociedade patriarcal, estudante de arquitetura e urbanismo, ensinada a reproduzir padrões, portanto invisibilizada e repetindo a invisibilização fez parte do crescimento do trabalho. O que proponho como “real” neste trabalho é a junção de experiências das estudantes de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, e isto perpassa pela minha vivência. Não sou sujeito neutro, sou sujeita, mulher, acumulando vivências e re-existências na cidade.

Referências Bibliográficas

- ÁLVAREZ, Eva; GÓMEZ, Carlos. Eva Kail: espacios inusuales en Viena. Entrevista, São Paulo, año 15, n. 057.05, Vitruvius, mar. 2014 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/15.057/5092>>.
- ANDREATTA, Cleusa Maria; ROCCA, Suzana; AZEVEDO, Wagner. Vozes que desafiam. O ministério feminino, beguinás e Mechthild de Magdeburgo. 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591428-vozes-que-desafiam-o-ministerio-feminino-beguinás-e-mechthild-de-magdeburgo>> Acessado em. 22 set. 2019.
- ANDRÉ, Isabel; ROUSSELLE, Muriel. Estratégias sociais criativas em Barcelona. O caso do Walden-7. Finiterra - Revista Portuguesa de Geografia. Finisterra, n. 90, Lisboa. 2010. Disponível em: <<file:///D:/Downloads/1341-Texto%20do%20Trabalho-3160-1-10-20121213.pdf>> Acesso em: 2 set. 2019.
- ARQGUAIA. ArqguiaRio. Plataforma digital criativa de divulgação do patrimônio arquitetônico, urbanístico e paisagístico da cidade do Rio de Janeiro. Cidade Universitária/Fundão Disponível em: <<http://arqguia.com/obra/cidade-universitaria/?lang=ptbr>>. Acesso em: 29 out. 2019.
- ARQGUAIA. ArqguiaRio. Plataforma digital criativa de divulgação do patrimônio arquitetônico, urbanístico e paisagístico da cidade do Rio de Janeiro. Aterro do Flamengo. Disponível em: <<http://arqguia.com/obra/aterro-do-flamengo/?lang=ptbr>>. Acesso em: 31 out. 2019.
- ARELLANO, Mônica. Sobre o deslocamento do corpo na arquitetura: o Modulor de Le Corbusier [Sobre la dislocación del cuerpo en la arquitectura: El Modulor de le Corbusier]. Disponível em: <[https://www.archdaily.com.br/br/911962/sobre-o-deslocamento-do-c](https://www.archdaily.com.br/br/911962/sobre-o-deslocamento-do-corpo-na-arquitetura-o-modulor-de-le-corbusier)
- orpo-na-arquitetura-o-modulor-de-le-corbusier> Acesso em: 20 nov. 2019
- BARROS, José D'Assunção. Charles Fourier, os falanstérios e a crítica à civilização industrial. RIPS. Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas. 2016. Vol.15, N.2, 223-238. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38049062011>
- BOFILL LEVI, ANNA. Hacia modelos alternativos de ciudad compatibles con una sociedad Inclusiva. Estudios urbanos, género y feminismo – teorías y experiencias. 2012.
- BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. 235p. Tradução de: Renato Aguiar.
- CALADO, Adler. O MOVIMENTO DAS BEGUINÁS: interfaces e ressonâncias em experiências sócio-religiosas femininas do presente. 2012. Disponível em: <<http://consciencia.net/o-movimento-das-beguinás-interfaces-e-ressonancias-em-experiencias-socio-religiosas-femininas-do-presente/>> Acessado em: 19 out. 2019.
- CIOCOLETTO, Adriana. Col·lectiu Punt 6. Para la vida cotidiana. Auditoría de Calidad Urbana con perspectiva de Género. 2014. Disponível em: <https://issuu.com/punt6/docs/espaciosparalavidacotidiana?issuu_product=document_page&issuu_context=action&issuu_cta=>> Acessado em: 26 s.et. 2019.
- CORADIN, Renata. Arquitetura e Género: três projetos em Viena. In: I CONGRESO INTERNACIONAL BARCELONA VIVENDA COLECTIVA SOSTENIBLE: LABORATORIO DE LA VIVENDA COLECTIVA DEL SIGLO XXI. 1. 2014. Barcelona. Disponível em:

- <http://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2017/03/artigo_Renata_3-projetos-em-Viena.pdf> Acesso em: 11 set. 2019.
- COUTINHO, Laura. Primeiro coliving e airbnb para mães solo inaugura em Florianópolis. 2019. Disponível em: <<http://lauracoutinho.com.br/primeiro-coliving-e-airbnb-para-maes-solo-inaugura-em-florianopolisv>>. Acesso em: 9 out. 2019
 - DAUPHIN, C. ç FARGE, A.; FRAISSE, G.; KLAPISCH-ZUBER, C.; PERROT, M.; PÉZERAT, P.; RIPA, Y.; SCHMITT-PONTEL, P.; VOLDMAN, D. Tradução: Soihet, R.; Soares, R. M. A.; Costa, S. G. A história das mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia. Niterói, 2001.
 - D'ASSUNÇÃO BARROS, José. Charles Fourier, os falanstérios e a crítica à civilização industrial. RIPS. Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas, vol. 15, núm. 2, 2016, pp 223-238. Universidade de Santiago de Compostela Santiago de Compostela, España. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/7752>>
 - Familistério de Guissa arquiteturas 1996. Capítulo de la serie “Arquitecturas” en que se examia “El Familisterio de Guisa” diseñado por el acaudalado industrial Jean-Baptiste André Godín. 9 dez. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uuqHVYZRymI>>. Acesso em: 15 out. 2019.
 - FEDERICCI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e a acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017. 464p. Tradução de: coletivo Sycorax. Título original: Caliban and the witch: Women, the Body and Primitive Accumulation.
 - FONTES, Marina Lima. MULHERES INVISÍVEIS: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma pesquisa feminista. Brasília, 2016. 225p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
 - GREED, C. Women and Planning. London: Routledge, 1994. 257p. Disponível em: <<https://epdf.pub/women-and-planning-creating-gendered-realities.html>>
 - GUTIÉRREZ, Blanca Valdivia; CIOCOLETTO, Adriana; ESCALANTE, Sara Ortiz; CASANOVAS, Roser; SALINAS, Marta Fonseca. Collectiu Punt 6. ENTORNOS HABITABLES: Auditoría de seguridad urbana con perspectiva de género en la vivienda y el entorno. Disponível em: <<http://www.punt6.org/guias-propias-de-col%C2%B7lectiu-punt-6/>>.
 - JUNIOR, Aloisio Formiguieri. Casa-abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica. Disponível em: <<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/9854>>. Acesso em 03 set. 2019.
 - LIMA, Ana Gabriela Godinho. A questão do gênero no processo de projeto em arquitetura e design .Thésis, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 44-57, jul./dez. 2016
 - MORUS, Thomas. Utopia. Versão para E-book. EBooksBrasil.com. Tradução: Ridendo Castigat Mores. 2001.
 - MOTTA, Leandro. Marguerite Porete e as Beguinas: A importante participação das mulheres nos movimentos espirituais e políticos da Idade Média . Brasília, 2018. 124p. Dissertação (Mestrado em

- História). - Instituto de Ciência Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- MUXÍ MARTINEZ, ZAIDA. Mujeres públicas. Estudios urbanos, género y feminismo – teorías y experiencias. 2012.
 - MUXÍ MARTINEZ, Zaida. Ciudad próxima: Urbanismo sin género. Rede distrital do conselho da cidade de Barcelona, Ciclo de debates em torno do comércio urbano. 2007. 19p. Disponível em: <<https://www.diba.cat/documents/153833/160414/comerc-debats-debat1-doc1-pdf.pdf>>
 - OLIVEIRA, Ana Rosa. Parque do Flamengo: Instrumento de planificação e resistência..Arquitextos, 079.05; ano 07. 2006..Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.079/288>> Acesso em:25 set. 2019.
 - PECCINI, Isabela Rapizo. Cidade Substantivo feminino: as desigualdades de gênero e o espaço público (não) vivenciado pelas mulheres. ISSUU, 2016. Disponível em: <https://issuu.com/isabelapeccini/docs/tfg_isabela_rapizo_peccini_issuu>. Acesso em 02 jul. 2019.
 - PINHEIRO, Anelise. Público Mulher: democratização de espaços públicos a partir do recorte de gênero. ISSUU, 2019. Disponível em: <https://issuu.com/anelisepinheiro3/docs/monografia_anelisepinheiro>. Acesso em 12 out. 2019.
 - Reflexiones para proyectar viviendas del siglo XXI Josep María Montaner Zaida Muxí Martínez Recibido: 11 de marzo de 2010. Aprobado: 21 de mayo de 2010. dearq 06. Julio de 2010. ISSN 2011-3188. Bogotá, pp. 82-99. Disponível em: <<http://dearq.uniandes.edu.co>>.
 - ROCHA, Filipa; MARTINS, Joana; CLEMENTINO, Luísa; ABRANTES, Mariana. Mulheres na Arquitectura. Margarete Schutte-Lihotzky - A arquiteta da funcionalidade. Editorial do Departamento de Arquitectura.2019. Disponível em:<<https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/37206/1/Margarete%20Schutte%20Lihotzky%20a%20arquitectura%20da%20funcionalidade.pdf>> Acesso em: 22 det. 2019-
 - SANTOS, Paula; LANCHÁ, Joubert. O Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes - Pedregulho de Affonso Eduardo Reidy.Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Relatório de Iniciação Científica. 2010 Disponível em: <https://issuu.com/paula.jareta/docs/pedregulho_relatorio2> Acesso em: 6 set. 2019.
 - SOHIET, Raquel. O corpo feminino como lugar de violência. In: Projeto História: Corpo & Cultura, revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. V. 25 (2002). - São Paulo: EDUC, 2002. 470 p. p. 269-289.
 - TARDIN, E. B.; BARBOSA, M. T.; Leal, P. da C. A. Mulher, trabalho e a conquista do espaço público: reflexões sobre a evolução feminina no Brasil. Transformar, revista do Centro de Iniciação Científica e Extensão. Itaperuna, 2015.
 - TAVARES, Rossana Brandão. INDIFERENÇA À DIFERENÇA: espaços urbanos de resistência na perspectiva das desigualdades de gênero. Orientadora: Rachel Coutinho Marques da Silva. Tese (doutorado) - UFRJ/PROURB/ Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. Rio de Janeiro, 2015.

- VITRUVIUS MAN. Plataforma Digital criada visando a divulgação de parte da obra de Leonardo da Vinci. Disponível em: <<http://leonardodavinci.stanford.edu/submissions/clabaugh/history/vitruvius.html>>. Acessado em: 26 set. 2019.

Anexos

1 - Notícias sobre a violência sexual em Brasília:

- <https://www.esquerdadiario.com.br/Mais-uma-mulher-estuprada-em-uma-das-avenidas-principais-de-Brasilia>
- <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2018/09/06/mulher-e-sequestrada-na-asa-sul-e-estuprada-ao-meio-dia-no-parque-da-cidade-em-brasilia.ghtml>
- <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/09/04/suspeito-de-atacar-e-matar-mulher-em-parada-de-onibus-no-df-e-pre-so.ghtml>
- <https://www.metropoles.com/violencia-contr-a-mulher/pm-prende-homem-que-tentou-estuprar-mulher-em-parada-no-lago-sul>
- <https://www.metropoles.com/distrito-federal/jovem-escapa-de-estupro-a-caminho-da-faculdade-na-asa-sul/amp>
- <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/brasil/2017/02/mulher-e-estuprada-em-passarela-subterranea-da-asa-sul.html>

Apêndice

- Formulário

27/11/2019

Pesquisa de opinião

Pesquisa de opinião

Esta pesquisa de opinião faz parte do trabalho de conclusão de curso (TCC) que busca entender um pouco mais sobre perspectiva de gênero e a forma como as estudantes de arquitetura e urbanismo entendem o tema.

Você é ou foi estudante da EAU-UFF? *

Sim

Não

Seção sem título

Qual é o seu gênero? *

Feminino

Caso seja estudante, qual semestre você está cursando? (número de semestres desde que entrou na UFF)

12

Caso já seja formada, deixou de ser estudante há quanto tempo?

27/11/2019

Pesquisa de opinião

Chegou a ver a exposição que está sendo feita no corredor do casarão sobre perspectiva de gênero? *

Sim

Não

Para você, quais são as necessidades femininas nos espaços público e privado? *

Segurança

Quais são suas maiores referências projetuais (projetos de escala urbana e arquitetônica)? *

Frank loyd right, pkb arquitetura, mangarosa arquitetura...

Com relação à pergunta anterior, caso hajam referências femininas, como você as conheceu?

Pesquisa própria

Referência trazida por professores

Indicação de uma amiga (o)

Outro:

Para você, o que seria pensar perspectiva de gênero no projeto? *

Pensar em espaços e equipamentos que tragam segurança, que impulsionem a apropriação do espaço, participação coletiva, qualidade ambiental...

No seu processo projetual são levantadas questões em consideração às necessidades específicas do corpo feminino e da sua vivência como mulher? *

Sim

Não

Em seus exercícios projetuais, você já propôs soluções que buscavam atender necessidades femininas? *

Sim

Não

Quais foram essas soluções? *

Equipamentos que ajudem as mulheres, como a creche, que deve ter localização próxima de suas residências, de forma gratuita, quando a mulher pode fazer outras coisas enquanto a criança fica na instituição do saber.

Por que você considera que não propôs tais soluções? *

Caso tenha vontade, deixe aqui qualquer informação/comentário, crítica ou elogio. Vamos conversar!

Este formulário foi criado em Universidade Federal Fluminense.

Google Formulários

- Fotos da exposição após interação das estudantes



Figura A1: Foto da exposição no mural do corredor da EAU. Intervenção das estudantes.

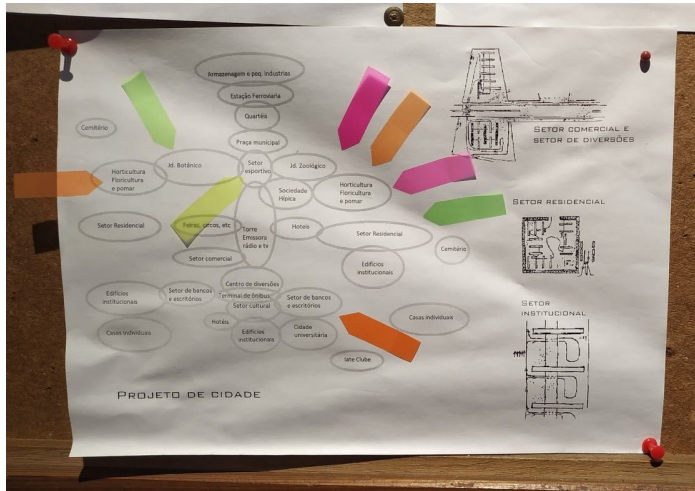


Figura A2: Foto da prancha do Plano Piloto de Brasília. Intervenção das estudantes.



Figura A4: Foto da prancha da cidade das beguinias. Intervenção das estudantes.

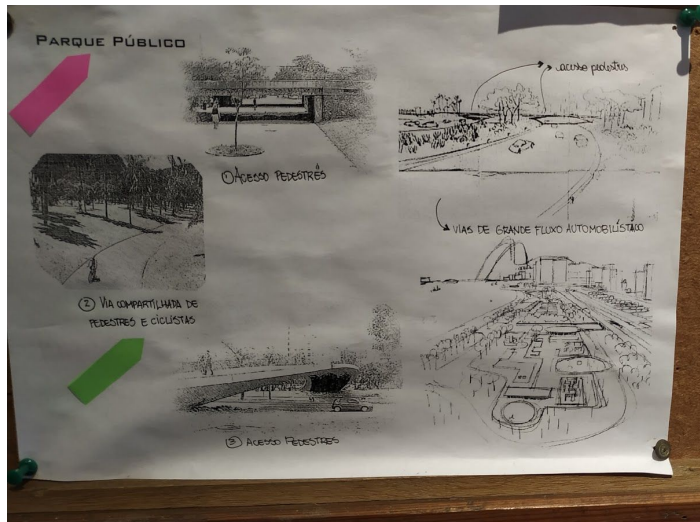


Figura A3: Foto da prancha do Parque do Flamengo. Intervenção das estudantes.

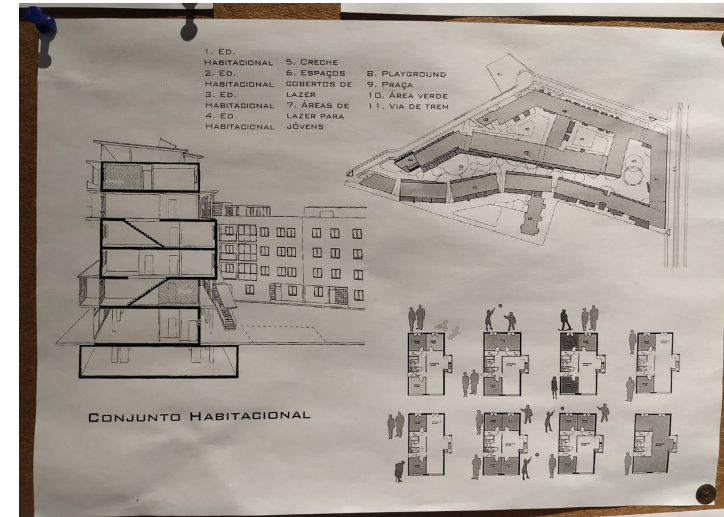


Figura A5: Foto da prancha do FWS I. Intervenção das estudantes.

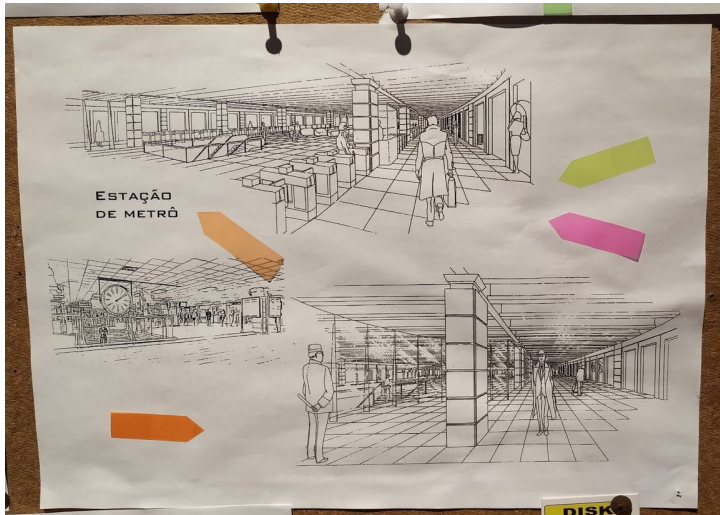


Figura A6: Foto da prancha da Estação de metrô da Catalunha. Intervenção das estudantes.

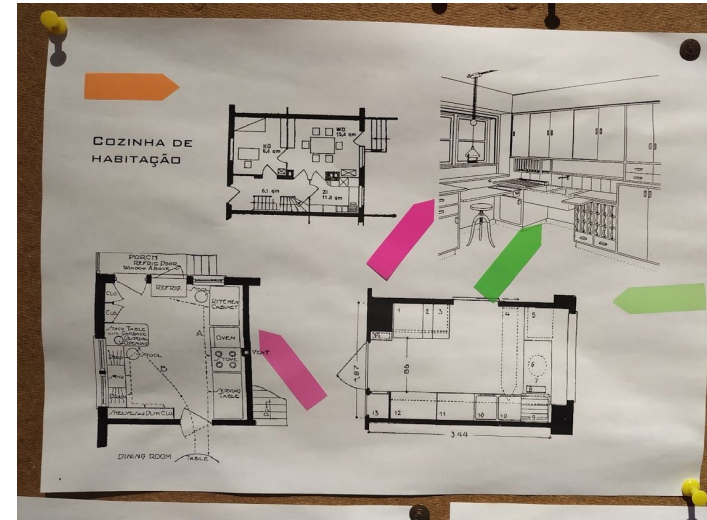


Figura A8: Foto da prancha da Cozinha de Frankfurt. Intervenção das estudantes.



Figura A7: Foto da prancha da casa de abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica. Intervenção das estudantes.

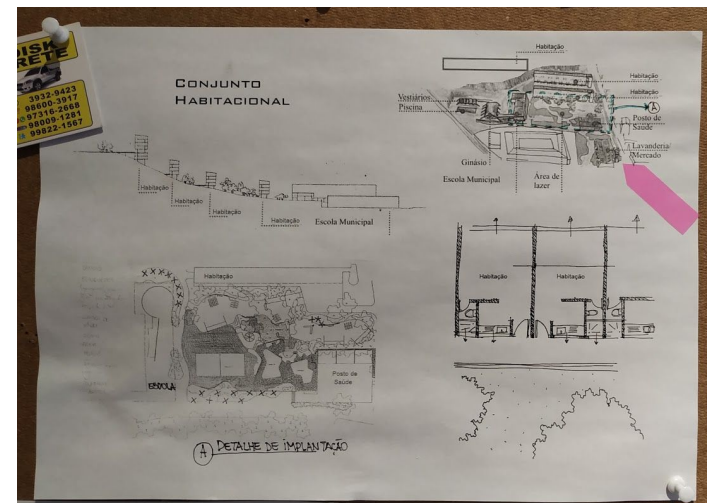


Figura A9: Foto da prancha do Conjunto Habitacional Pedregulho. Intervenção das estudantes.

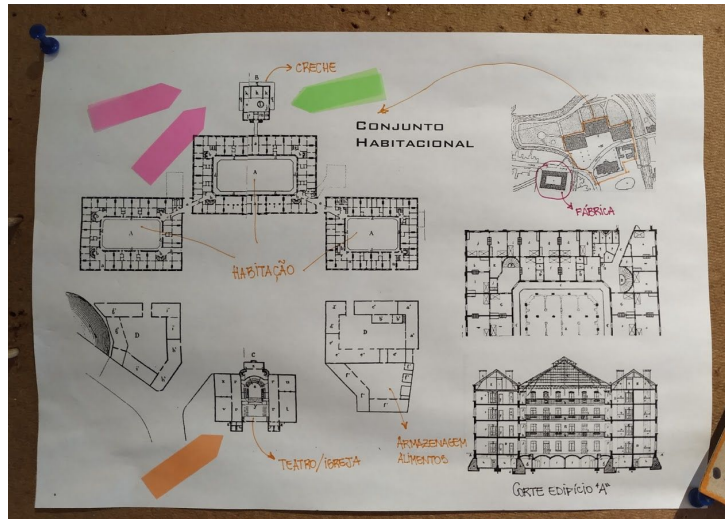


Figura A10: Foto da prancha do familistério de Guise. Intervenção das estudantes.

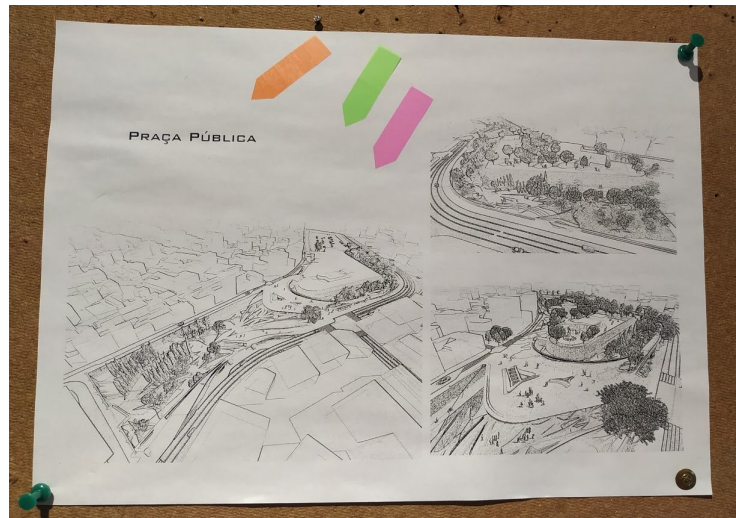


Figura A11: Foto da prancha da Eleftheria Square. Intervenção das estudantes.

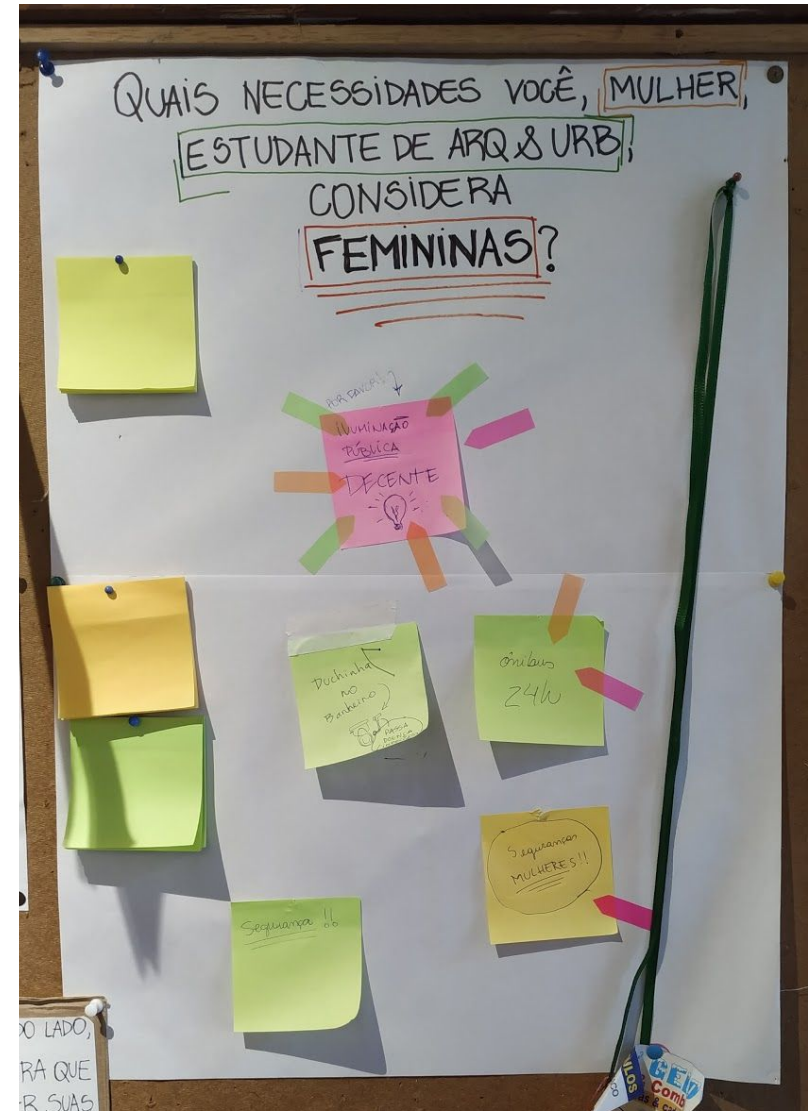


Figura A12: Painel para manifestação das estudantes sobre suas necessidades como mulher. Intervenção das estudantes.